

CENTRO ESPÍRITA

uma revisão estrutural

Mauro Spinola

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

MAURO DE MESQUITA SPINOLA

CENTRO ESPÍRITA: uma revisão estrutural



CPDoc
Centro de Pesquisa e
Documentação Espírita

Santos
1997

CENTRO ESPÍRITA: uma revisão estrutural

Mauro de Mesquita Spinola

1997 - 1ª edição - 500 exemplares

Copyright © 1997 by CPDoc

Centro de Pesquisa e Documentação Espírita

Rua Saturnino de Brito, 84/55 - 11070-000 - Santos - SP

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

Capa: *Álvaro de Mesquita Spinola*.

Revisão Final: *Marissol Castello Branco*.

Produção : *Marissol Castello Branco e Alcione Moreno*.

Fotolito da capa: *Magda Salomão – Microart Comunicação*.

Rua Dr. Nogueira Martins, 442 - 04143-020 - São Paulo - SP.

Impressão e acabamento: *Grafpel Artes Gráficas Ltda*.

Rua Soldado João Espinardi, 63 - 07093-010 - Guarulhos - SP.

Ficha catalográfica:

Spinola, Mauro de Mesquita. 1956-
Centro espírita: uma revisão estrutural. San-
tos, CPDoc, 1997. 104p.

ISBN: 85-86429-02-3

1. Espiritismo I.t

CDU 133.9

Impresso no Brasil - Printed in Brasil.

Aos meus pais Neyde e Geraldo, que me ensinaram o que é o Espiritismo.

À minha companheira Diva e meus filhos Fernando e Máira, que estão sempre ao meu lado e me provam a cada dia que existe algo mais por trás desta vida.

SOBRE O CPDOC

O *Centro de Pesquisa e Documentação Espírita — CPDoc* — é um grupo formado em 1988, em Santos-SP, por jovens espíritas que se conheciam dos encontros regionais realizados no Estado de São Paulo. Formado com a finalidade de desenvolver pesquisas sobre o Espiritismo, o *CPDoc*, desta maneira, criou um espaço para a elaboração, discussão e divulgação de estudos e pesquisas nas diversas áreas do conhecimento relacionadas com o Espiritismo.

Suas reuniões são bimestrais, alternando-se entre as cidades de Santos e São Paulo. A atividade principal tem sido a discussão dos trabalhos escritos por integrantes do grupo. Cada membro do grupo desenvolve monografias nos temas de seu interesse. Cada monografia é repassada aos demais membros e, numa data previamente marcada, é feita sua apresentação e debate. Os membros levam para esta reunião seus comentários, críticas e sugestões para aperfeiçoamento do texto proposto. Após esta reunião o autor revisa o texto original e reapresenta-o aos demais para nova apreciação.

O objetivo deste método é fazer com que os trabalhos apresentados cheguem ao nível de serem publicados, como este livro agora apresentado. O *CPDoc* também divulga sua produção em simpósios, centros espíritas e atividades culturais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1	
EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO	22
1.1. ASPECTOS HISTÓRICOS.....	22
1.2. CENTRO ESPÍRITA X ESPIRITISMO: alguns confrontos	27
1.3. AS DIVERSAS FEIÇÕES DOS CENTROS ESPÍRITAS	33
1.4. EVENTOS DE RENOVAÇÃO	34
1.5. É POSSÍVEL DEFINIR UM MODELO ?	36
CAPÍTULO 2	
A MEDIUNIDADE	41
2.1. O PAPEL DA MEDIUNIDADE.....	41
2.2. AS REUNIÕES MEDIÚNICAS	44
2.3. ATIVIDADES MEDIÚNICAS NO CENTRO ESPÍRITA	49
2.3.1. <i>Estudos de mediunidade</i>	50
2.3.2. <i>Assistência a espíritos desencarnados</i>	50
2.3.3. <i>Atendimento de pessoas</i>	52
2.3.4. <i>Terapia de obsessão</i>	52
2.3.5. <i>Passes</i>	54
2.3.6. <i>Pesquisas de mediunidade</i>	55

2.4. CONCLUSÃO: a mediunidade na revisão do centro espírita.....	56
CAPÍTULO 3	
ESTUDOS E PESQUISAS	58
3.1. A BASE DO CENTRO	58
3.2. CRITÉRIOS NECESSÁRIOS PARA UMA ESTRUTURA BASEADA EM ESTUDOS E PESQUISAS.....	62
3.3. ATIVIDADES DE ESTUDOS E PESQUISAS NO CENTRO ESPÍRITA	64
3.3.1. <i>Estudos doutrinários</i>	65
3.3.2. <i>Estudos para a infância</i>	66
3.3.3. <i>Estudos para a juventude</i>	67
3.3.4. <i>Pesquisas</i>	67
3.3.5. <i>Divulgação do Espiritismo</i>	70
3.4. CONCLUSÃO: estudos e pesquisas na revisão do centro espírita.....	70
CAPÍTULO 4	
O CENTRO ESPÍRITA E A SOCIEDADE	73
4.1. DEFESA DO ESPIRITISMO	74
4.2. O CENTRO ESPÍRITA PARA O HOMEM.....	76
4.3. A SOCIEDADE COMO TEMA DE ESTUDO	78
4.4. ATUAÇÃO SOCIAL	81
4.5. O CENTRO ESPÍRITA E A COMUNIDADE	83
4.6. CONCLUSÃO: para ser um remo	84
CAPÍTULO 5	
O PODER NO CENTRO ESPÍRITA.....	86
5.1. MANDATOS DIVINOS	86

5.2. CRITÉRIOS PARA ABERTURA.....	88
5.3. CONCLUSÃO: o centro de todos.....	89
CAPÍTULO 6	
INTEGRAÇÃO ENTRE CENTROS ESPÍRITAS	91
6.1. INTEGRAÇÃO: uma necessidade	91
6.2. O MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO: para a frente e para trás	93
6.3. CONCLUSÃO: caminhos que se abrem para uma integração real	95
CONCLUSÃO	98
A BASE CONCEITUAL JÁ EXISTE.....	98
O MODELO PROPOSTO SERVE DE BASE PARA A REESTRUTURAÇÃO	99
UMA OPÇÃO DIFERENTE	100
POR ONDE COMEÇAR?	101
AS PESSOAS	105
BIBLIOGRAFIA	107
SOBRE O AUTOR.....	112

APRESENTAÇÃO

Conheço Mauro de Mesquita Spinola há muitos anos, e entre nós existe uma profunda amizade que, certamente, ultrapassa os estreitos limites de uma existência. Por ele tenho profundo respeito e admiração. Diria que é mais do que isso, tenho-o como um filho do coração. É interessante que a nossa amizade solidificou-se com uma pequena divergência doutrinária. Escrevi uma carta ao programa *Momento Espírita*, que vai ao ar pela Rádio Boa Nova de Guarulhos, discordando de uma questão doutrinária defendida por ele e pelo Plínio Paulo Leiva de Lucca, depois conversamos longamente sobre o assunto e passamos a respeitá-los mais ainda.

Recentemente viajávamos no mesmo carro para uma tarefa doutrinária em Santos, quando ele surpreendeu-me, pedindo-me, como se fosse um favor, para escrever a apresentação do seu livro. Ele não percebeu porque estava no banco traseiro e eu no dianteiro, mas os meus olhos ficaram úmidos por duas lágrimas que não chegaram a cair, mas que perolaram nas janelas de minha alma. Sei que somente o seu coração bondoso poderia fazer esse pedido, pois o professor universitário desce de sua cátedra para estender a mão a alguém que não superou as primeiras séries escolares.

Li os originais da obra com um interesse incomum para quem, depois de mais de 40 anos de movimento espírita já leu muitos livros sobre o tema Centro Espírita. Haveria algo mais a abordar? Haveria alguma face-ta inexplorada? Sim! Havia a própria estrutura do Centro Espírita a ser explorada.

O trabalho do Mauro foi escrito, reescrito, criticado em reuniões do CPDoc e corrigido mais de uma vez. Seria o autor um contestador? Alguém disposto a contrariar o que está sedimentado? Sim, mas com o objetivo de melhorar a atuação do Centro Espírita. O mais importante é que o autor não é um teórico, um espírita de gabinete, mas alguém que se formou espírita nas agremiações juvenis do movimento, participando de debates doutrinários, liderando Encontros de Mocidades, dinamizando o movimento jovem. Viveu intensamente o período de Mocidade Espírita e, mal saído da adolescência, integrou-se ao Centro Espírita, participando de cargos diretivos, vivendo o dia-a-dia do Centro, esbarrando com personalismos e incompreensões de adultos, mas respeitando-os carinhosamente.

Felizmente começamos a sair do missionarismo, ou seja, pessoas que por causa de fenômenos mediúnicos se julgam fadados a fundar um centro espírita juntamente com o seu guia ou mentor, ambos ignorantes de Doutrina Espírita, mas com pretensão mandato divino para salvar a humanidade, ou parte dela.

Por outro lado, encontramos centros espíritas que se ocupam tanto de curas físicas que mais parecem um Centro de Saúde ou Ambulatório Hospitalar. O que dizer, então, daqueles que se assemelham a sacristias de igrejas ou que mais parecem púlpitos “pentecostais”?

Isto se dá, segundo o autor, e concordamos plenamente com ele, pelo desconhecimento do Espiritismo. Sabemos que poderão argumentar que os grandes centros espíritas mantêm escolas de Espiritismo, mas talvez um grande número deles não faça uma leitura correta da obra Kardequiana.

O Centro Espírita é comprometido com o Espiritismo, afirma Mauro Spinola, isso nos dá uma profunda alegria, pois de há muito tempo compreendemos que a prioridade do Centro Espírita é ensinar e vivenciar Espiritismo. Alegra-nos, também, o fato do autor não se afastar um só momento de Allan Kardec.

Mauro de Mesquita Spinola propõe um programa próprio para a infância, que desenvolva uma educação espírita integral, que inclua também o Evangelho, mas que seja abrangente.

O livro traz sugestões importantes para a reestruturação do Centro Espírita. A nosso ver, essa reestruturação deverá passar também pela imprensa espírita, com a transformação dos nossos periódicos em veículos informativos e formativos, que propiciem o conhecimento e apoiem a cultura espírita. Logicamente, incluímos neste contexto os programas espíritas de rádio, e as ainda tímidas incursões na televisão.

O autor, no capítulo 6º – subtítulo 6.2. O Movimento de Unificação: para frente e para trás – toca numa ferida ainda superficialmente cicatrizada no movimento de Unificação do Estado de São Paulo. Ele foi breve e direto no assunto. Apenas uma estocada, talvez o suficiente para reabrir feridas, mas que exemplifica a nossa imaturidade para discutir pontos divergentes, quer se-

jam doutrinários, quer sejam de organização e de poder.

Com o texto desta apresentação ainda na tela do computador, lemos com atenção e concluímos que ele seria desnecessário, pois, o Centro espírita: uma revisão estrutural, é suficientemente claro na sua proposta, e o autor escreve de forma gostosa de ser lida, um assunto árido por natureza. Seu estilo é claro e elegante, e a sua maturidade doutrinária é incontestável. Entretanto, não podíamos deixar de atender o convite do Mauro e aqui está. Tenho a impressão que muitos leitores dispensam a leitura da apresentação, porém, os que o lerem compreenderão o nosso carinho para com o autor, e a nossa admiração. A proposta do livro é exequível? Certamente sim, mas é preciso uma conscientização pessoal de cada dirigente espírita, porque esta, a nosso ver, é uma proposta de verticalização de todos aqueles que militam nas instituições espíritas, inclusive os assistidos.

Faço votos para que este livro possa despertar nos seus leitores, especialmente nos que forem dirigentes espíritas, a reflexão sobre a sua instituição, de coração aberto, para que compreendamos todos o que Herculanino Pires escreveu no seu livro, O Centro Espírita, “O Centro Espírita não é templo nem laboratório, mas o ponto visual de convergência do movimento doutrinário.”

*Amilcar Del Chiaro Filho
Guarulhos/SP
Março de 1997*

PREFÁCIO

É necessário — e é possível — realizar uma revisão estrutural dos centros espíritas na atualidade, que permita a eles traçar seus caminhos vinculados e comprometidos com o próprio desenvolvimento do Espiritismo, além de se caracterizarem socialmente de forma clara. Isso hoje não ocorre. Viso com este estudo contribuir para essa revisão.

Parto da constatação de que os centros espíritas vivem hoje uma dificuldade de identificação, gerada sobretudo pelos confrontos entre sua estrutura, a leitura do Espiritismo e a modernização cultural e moral da sociedade. Tanto como casa do Espiritismo quanto como célula social o centro ainda busca uma definição mais precisa.

O texto que agora apresento começou a ser desenvolvido em 1987, quando escrevi o artigo “*O centro espírita e a sociedade*”¹ para o **II ENSASDE - Encontro Nacional sobre o Aspecto Social da Doutrina Espírita**, realizado naquele ano em São Paulo. Na época a maior preocupação foi a de propor caminhos para aperfeiçoar as relações entre o centro espírita e a sociedade, sobretudo no sentido de reduzir a apatia reinante nos centros em relação às questões sociais. Boa parte daquele texto original foi reapro-

veitado, com pequenas modificações, para este livro, aparecendo sobretudo no Capítulo 4 - O centro espírita e a sociedade. A partir daquele artigo surgiu a idéia de ampliar o estudo, fazendo-o abranger os diversos aspectos conceituais que orientam a criação e o desenvolvimento dos centros espíritas. Realizei inicialmente uma pesquisa na literatura espírita sobre as principais propostas existentes para os centros espíritas. Esta pesquisa determinou os grandes temas de interesse — que denominei de elementos da estrutura do centro espírita — e com base neles desenvolvi os capítulos.

Em 1989 apresentei a primeira versão do texto no **CP-Doc - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita**. Com as críticas e sugestões ali recebidas dos companheiros, ele foi ampliado e aperfeiçoado. Foi reapresentado em 1992 e recebeu novas sugestões. Em 1993 foi apresentado, já na forma final, no **III SBPE - Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita**,² realizado em Santos/SP. Pequenas adaptações foram acrescentadas desde então, visando esta publicação na forma de livro.

Quero fazer um agradecimento especial aos amigos do CPDoc, por me incentivarem, criticarem e aperfeiçoarem o texto, desde seu primeiro rascunho.

Mauro de Mesquita Spinola
e-mail: <mspinola@usp.br>

São Paulo/SP
Março de 1997

¹ Mauro de Mesquita Spinola. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. Espiritismo e sociedade. p. 59-66.

² Mauro de Mesquita SPINOLA. Centro espírita: uma revisão estrutural. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. *Anais*.

INTRODUÇÃO

A análise da estrutura do centro espírita e as possíveis propostas que dela possam advir esbarram em várias dificuldades. Eis algumas delas:

- (1) É difícil definir centro espírita. É muito grande a heterogeneidade existente entre os grupos e como consequência surgem dúvidas: o que estaríamos analisando? a que e a quem estaríamos propondo?
- (2) Em muitos centros espíritas vive-se hoje um período de discussão e revisão estrutural. Há também a criação de novos grupos, com estruturas alternativas e claramente diferentes das existentes. Os resultados são apenas preliminares e não há indícios de tendências generalizadas.

A primeira dessas dificuldades é discutida no capítulo 1. Lá escolho alguns critérios para identificar um centro espírita, e os justifico, no sentido de encontrar um caminho para análise. Em relação à segunda, busco no decorrer de todo o texto identificar conceitos, problemas e propostas apresentados por vários autores que se dedicaram a esse assunto específico e combino-os com a experiência que tenho adquirido através da participação no Centro de Estudos Espíritas “José Herculano Pires”³ e no movimen-

³ Centro de Estudos Espíritas “José Herculano Pires”, Rua Alicante 389, Vila Granada, Penha, São Paulo-SP, CEP 03654-010.

to espírita. Não terei condições de apresentar soluções finais nem modelos definitivos, mas buscarei formulá-los sempre que possível, visando entrelaçar e avaliar melhor as idéias discutidas.

Uma reflexão sobre a estrutura dos centros espíritas exige a identificação dos elementos que compõem essa estrutura. Assumo que são os seguintes:

- a) a mediunidade,
- b) os estudos e as pesquisas,
- c) as relações entre o centro espírita e a sociedade,
- d) o poder, e
- e) a integração entre centros espíritas.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO CENTRO ESPÍRITA
Mediunidade
Estudos e pesquisas
Relações com a sociedade
Poder
Integração com outros centros espíritas

O capítulo 2 trata da mediunidade no centro espírita. A mediunidade é o elemento chave da estrutura do centro. A comunicação com os espíritos deu origem ao Espiritismo e foi desde o início o seu maior instrumento de desenvolvimento. Os centros espíritas em geral se formam em torno do fenômeno mediúnico e os médiuns são sua maior referência. Os caminhos e descaminhos da utilização da medi-

unidade têm delineado a própria história dos centros espíritas.

O capítulo 3 enfoca os estudos e pesquisas no centro, elementos básicos e ponto de partida para uma revisão conceitual e estrutural.

A inserção social do centro espírita é estudada no capítulo 4: identifico as relações entre o centro espírita e a sociedade, e proponho caminhos.

Uma análise da estrutura do centro espírita passa necessariamente pelas relações de poder. Há um conjunto de procedimentos que merecem revisão. No capítulo 5 trato desse assunto.

O último elemento da estrutura do centros espíritas que abordo é a integração entre os centros, no capítulo 6. Essa integração é necessária, sem dúvida, para intercâmbio e cooperação entre os grupos e para consolidação de conquistas, mas tem sido muitas vezes instrumento de cristalização de velhas estruturas e conceitos.

Este livro não trata, de forma sistemática, dos aspectos de organização e administração do centro espírita. Há alguns livros e apostilas que tratam do assunto. *O centro espírita*, de Wilson GARCIA, sintético e objetivo, é um livro de valor.⁴

Entre os autores pesquisados, dediquei especial atenção aos dois que deram contribuições mais significativas para o estudo da estrutura do centro espírita até agora: Allan KARDEC e José Herculano PIRES. Em toda a extensão do texto eles são citados, sobretudo em suas respectivas obras *O livro dos médiuns*⁵ e *O centro espírita*.⁶

⁴ Wilson GARCIA. *O centro espírita*.

⁵ Allan KARDEC. *O livro dos médiuns*.

⁶ J. Herculano PIRES. *O centro espírita*.

O livro dos médiuns, publicado em 1861, continua sendo referência obrigatória para formação, avaliação e dinamização dos grupos. Reputo grande importância a este livro no contexto da obra de KARDEC. Se em *O livro dos espíritos* encontramos a apresentação da doutrina como um todo, constituindo-se por isso no mais abrangente trabalho seu, é no entanto em *O livro dos médiuns* que passamos mais claramente a conhecer a sua maneira de trabalhar, o método kardequiano. E é esse método que referenda toda a sua obra. Marco maior da lucidez de KARDEC, esse compêndio ainda não esgotou seus recursos de aplicação.

O livro de José Herculano PIRES *O centro espírita* se propõe a apresentar um estudo sobre as origens, o sentido e a significação do centro espírita. É um trabalho poderoso, que capta conceitos importantes, identifica distorções e propõe um modelo, mas não escapa ao envolvimento de algumas idéias já cristalizadas. Não me proporia a tentar fixar de forma precisa a função do centro, como faz Herculano, sobretudo porque é difícil trabalhar com uma “verdade” que não é praticada. Mas concordo com ele quando constata que a função e a significação do centro são desconhecidas, só ficando uma dúvida: alguém conhece completamente?

Cabe ainda uma consideração sobre tudo o que se segue: a discussão que este livro traz sobre o centro espírita não está isolada do contexto social e histórico em que estão inseridos os centros espíritas brasileiros neste final de século. As análises que faço e as propostas que apresento em cada um dos assuntos estão sempre marcadas por todo um conjunto de fatores reais que envolvem a vida do centro. Os centros espíritas também são reflexos da nossa sociedade, de seus valores, seus anseios, seus problemas,

seus vícios. Portanto, a contribuição deste texto está vinculada e limitada a esse contexto.

O **Capítulo 1** **EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO**

problema de definição conceitual e estrutural dos centros espíritas é estudado neste capítulo. Se olhamos para o conjunto dos centros, identificaremos grande indefinição e heterogeneidade, dificultando uma definição precisa. Discuto essa heterogeneidade e algumas características problemáticas da estrutura atual dos centros. Proponho depois um modelo conceitual.

Para entender o que são os centros hoje é fundamental que se reveja a sua história. Por isso inicio por um levantamento de aspectos históricos relevantes. São dados que esclarecem as origens de diversas características atuais dos centros espíritas. Não há aqui espaço suficiente para um detalhamento, mas o tema pode ser aprofundado através das referências indicadas.

1.1. ASPECTOS HISTÓRICOS

Para entendermos a origem dos grupos espíritas temos que buscar os grupos que os antecederam, surgidos antes do trabalho de elaboração do Espiritismo, realizado por Allan KARDEC na França. Como ignorar os grupos de magnetistas e magnetizadores, com destaque para os seguidores de MESMER, que foram muitos no final do século

XVIII e início do XIX na França?⁷ Como deixar de considerar os diversos grupos de adeptos do “*modern spiritualism*” que surgiram nos Estados Unidos a partir dos fenômenos ocorridos com as irmãs FOX?⁸ E os grupos que passaram a realizar reuniões de mesas girantes na Europa, em meados do século XIX, que na França acabaram por chamar a atenção de KARDEC?⁹ Muitos médiuns, magnetizadores e mágicos polarizaram a criação de grupos mais ou menos efêmeros, mais ou menos sérios, em torno de si. Esses agrupamentos são os antecessores dos grupos espíritas criados no período pós-KARDEC e dos grupos espíritas atuais.

É com KARDEC, no entanto, a partir de 1855, que o Espiritismo ganha feição doutrinária.¹⁰ Ele lançou *O livro dos espíritos* em 1857, com as bases da nova doutrina¹¹ e fundou, em 1858, a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* (SPEE), cujos estatutos foram publicados posteriormente em *O livro dos médiuns* para servir de modelo aos centros espíritas que nasciam por toda parte.¹² A SPEE, sob a coordenação do próprio KARDEC, firmou uma meto-

⁷ Ubiratan MACHADO. *Os intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. cap. II, p. 40-42.

⁸ Ibid., p. 43-44.

⁹ Ibid., p. 44.

Allan KARDEC. *O Espiritismo em sua mais simples expressão*. Em: —. *Iniciação espírita*. p. 19.

—, Extratos “in extenso” do livro das previsões concernentes ao Espiritismo: manuscrito feito com especial cuidado por Allan Kardec. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 217-219.

¹⁰ Ibid. p. 218-222.

¹¹ —. *O livro dos espíritos*.

¹² Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 1.
Allan KARDEC. Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXX, p. 435-444.

dologia de estudo e pesquisa da mediunidade, documentada sobretudo através da *Revista espírita*.¹³

FÁVARO, DEL CHIARO e PALAZZI fazem um estudo do “*perfil psicossocial do freqüentador dos centros espíritas do tempo de KARDEC*” e concluem:

“*Chegamos à conclusão de que os fenômenos espíritas foram estudados num primeiro momento por homens aristocratas da nobreza européia. Não eram “João Ninguém” e também não eram cientistas, pois viam no fenômeno mais um passatempo do que ciência. Isto não invalidou suas pesquisas, pois na verdade elas incomodaram os cientistas, que viam naqueles fenômenos a ignorância, o misticismo, a superstição do povo ou o cambalacho de alguns espertalhões.*”¹⁴

Os autores comparam esses dados com a realidade de nossos centros, afirmando que na França os freqüentadores eram nobres, intelectuais, pesquisadores da alta burguesia e classe média à procura de comprovações científicas da imortalidade da alma.

“*Não era o sofrimento, a angústia existencial, o medo do futuro, a doença e a pobreza. Não era a consolação ou a cura da loucura, da obsessão.*”¹⁵

No Brasil esses motivos se tornaram os principais para a criação e manutenção de centros espíritas.

O trabalho de KARDEC influenciou fortemente a estruturação dos grupos franceses e, por conseqüência, teve grande impacto sobre os primeiros agrupamentos brasilei-

¹³ —. *Revista espírita*.

—, Introdução - II - Autoridade da doutrina espírita. Em: —. *O evangelho segundo o Espiritismo*. p. 11-18.

—, Caracteres da revelação espírita. Em: —. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. I, itens 12-18, p. 15-18.

¹⁴ Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 4-6.

¹⁵ Ibid., p. 9.

ros. Ubiratan MACHADO¹⁶ relata que na Bahia “a repressão do clero aguçou fortemente o instinto de luta dos pioneiros. Em meados da década de 1860, Salvador conheceu uma explosão espírita de que não há paralelo no Brasil. As obras de KARDEC, lidas em francês, eram discutidas apaixonadamente nas classes mais cultas.”

Segundo Ubiratan MACHADO, o primeiro centro kardecista surgiu na Bahia:

"Oficialmente, a eclosão do Espiritismo brasileiro se daria neste ano (1865) quando, em Salvador, foi fundado o Grupo Familiar de Espiritismo, o primeiro centro Kardecista de conhecimento público, do país. Sob a direção do Dr. Luís Olímpio Teles de Menezes, o maior apóstolo do Espiritismo em seus inícios no Brasil, realizou-se ali, às 22,30 horas do dia 17 de setembro de 1865, a primeira sessão registrada nos anais da doutrina espírita, no Brasil. Uma hora após o início dos trabalhos, os membros recebiam a primeira mensagem psicografada de nossa terra e divulgada de forma oficial. Estava assinada por "Anjo de Deus"¹⁷

Em Salvador e no Rio de Janeiro os grupos foram se multiplicando. Antonio Cesar Perri de CARVALHO cita os seguintes grupos na Capital: *Grupo Confucius* (criado em 1873), *Sociedade Espírita Fraternidade* (1880), *Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade* (1876) e *União Espírita do Brasil*. “Em 1884 era fundada a *Federação Espírita Brasileira*”¹⁸ (FEB). A FEB esteve, desde a sua fundação, no centro das lutas pela hegemonia do mo-

¹⁶ Ubiratan MACHADO. O grupo baiano. Em: —. *Os intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. cap. IV, p. 81.

¹⁷ —. A noite dos precursores. Em: *Ibid*, cap. III, p. 68.

¹⁸ Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 3.

vimento espírita brasileiro.¹⁹

Os grupos espíritas brasileiros foram aos poucos adquirindo características próprias. Surgiu e cresceu o “sincretismo afro-espírita-católico”:

"Ao lado do kardecismo, desenvolveu-se um vigoroso Espiritismo popular. Em alguns momentos a vitalidade deste chegou a parecer uma ameaça à sobrevivência da doutrina de KARDEC em sua pureza. A ameaça, porém, era apenas aparente. O caminho dos vários Espiritismos, apesar dos atalhos de ligação e das influências recíprocas, sempre foram distintos."²⁰

O caminho dos centros espíritas após os anos 30 foi estudado por Carlos Roberto de MESSIAS:

"Dos círculos experimentais franceses aos grupos quase esotéricos do Império, os centros espíritas pós trinta se transformaram mais nitidamente em templos, prontossocorros e casas de caridade em auxílio de um mundo esquizo que vai deixando de ser rural."²¹

As características identificadas historicamente pelos autores citados tornaram-se majoritárias, com o tempo, no crescente número de centros espíritas brasileiros. Uma análise dessas características na atualidade nos leva à identificação de confrontos entre muitas delas e o próprio Espiritismo, como desenvolvo a seguir.

¹⁹ Carlos Roberto de MESSIAS. O uno e o múltiplo. Em: —. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. cap. III, p. 19-30.

Airton LAUFER Jr.; Cosme Valtenis de FRANÇA. Análise dos mecanismos estruturais de manipulação e perpetuação de poder. Em: —. *O poder no movimento espírita do Brasil*.

²⁰ Ubiratan MACHADO. Os forçados do invisível. Em: —. *Os intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. cap. X, p. 230.

²¹ Carlos Roberto de MESSIAS. O Espiritismo e a sociedade urbano-industrial. Em: —. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. p. 11.

1.2. Centro espírita x Espiritismo: ALGUNS CONFRONTOS

CONFRONTOS ENTRE O CENTRO ESPÍRITA E O ESPIRITISMO
Desconhecimento do Espiritismo
Sincretismo
Assistencialismo
Cultos exteriores e religiosismo
Grandeza física
Clientelismo e proselitismo
Isolamento cultural

Desconhecimento do Espiritismo nos centros, sincretismo, assistencialismo, cultos exteriores e religiosismo, grandeza física, clientelismo, proselitismo e isolamento cultural são alguns dos aspectos contrastantes entre a estrutura de grande parte dos centros e a proposta do Espiritismo. O levantamento desses pontos contribui para uma crítica aos centros espíritas modernos. Começo pelo primeiro e mais importante: o desconhecimento do Espiritismo.

O Espiritismo, desde KARDEC, possui um corpo doutrinário e metodológico que, embora passível de revisão, tem se mostrado suficientemente consistente para não se descaracterizar por completo. No entanto, muitos grupos não o conhecem, não o estudam e não o aplicam. Segundo José Herculano PIRES isso ocorre em todo o mundo.²²

²² J. Herculano PIRES. Introdução. Em: —. *O centro espírita*. p. XXV.

O desconhecimento do Espiritismo por parte de seus adversários tem sido também um problema, desde a época de KARDEC.²³ Na atualidade, muitos opositores sistemáticos se utilizam da confusão de idéias e da charlatanice para atacar o Espiritismo.²⁴

Como se já não bastasse o desconhecimento reinante, alguns livros lançados exatamente com o intuito de esclarecer acabam por cristalizar preconceitos e distorções.

É comum encontrarmos nos centros espíritas um grande sincretismo. As práticas utilizadas possuem origens religiosas, filosóficas e culturais diversas, devido à falta de compromisso dos grupos com o Espiritismo. Segundo Herculano PIRES uma das causas está na domesticação católica e protestante, que “*criara em nossa gente uma mentalidade de rebanho*”²⁵ Penso que essa mentalidade propicia a inserção das idéias assistencialistas (“*esmola-res*”), salvacionistas e místicas, que se misturam às idéias espíritas.

A discussão do sincretismo tem aberto espaço muitas vezes para posicionamentos racistas em relação a negros e pretos velhos. Não é esse o ponto. Há que se analisar as idéias e práticas sob o ponto de vista conceitual e metodológico.²⁶

O assistencialismo é certamente uma das características mais marcantes dos centros espíritas. A necessidade de “*assistência espiritual*” e “*assistência material*” condicionam as diversas atividades. As lideranças espíritas em geral tiveram sua imagem vinculada à assistência a pesso-

²³ Allan KARDEC. Introdução. Em: *O livro dos espíritos*, item VII, p.27-30

²⁴ J. Herculano PIRES. Os padres mágicos. Em: *Parapsicologia hoje e amanhã*. cap. XVI, p. 205-212.

²⁵ —. Introdução. Em: —. *O centro espírita*. p. XXI.

²⁶ —. Raízes africanas. Em: *Ibid.*, cap. IV, p. 27-31.

Deolindo AMORIM. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*.

as necessitadas: Bezerra de MENEZES foi o “médico dos pobres”, Caibar SCHUTEL foi o “pai da pobreza”, e assim por diante. Antonio C. Perri de CARVALHO comenta que essa característica foi detectada inclusive por estrangeiros em visita ao Brasil:

"No ano de 1941, Gabriel Gobron anotou em "Le Fraternaliste": "... à frente do mundo no tocante à organização espírita de assistência pública vem o Brasil. Não há centros que não tenham ou não cuidem de ter uma assistência aos necessitados... — O Espiritismo brasileiro é a caridade em ação... — e o Brasil e seus espíritas são pobres!"²⁷

A cura, que se estende desde a aplicação de passes até as cirurgias mediúnicas, passando por tratamentos de doenças físicas e espirituais diversas, é um dos pontos de sustentação dos grupos. É notável, por exemplo a quantidade de hospitais psiquiátricos espíritas no Brasil.²⁸

Por mais que se busque vincular o Espiritismo à caridade (muitas vezes confundida com esmola), não se pode obter uma relação direta entre Espiritismo e assistencialismo. Parece-me claro que não podemos simplificar a busca das causas do assistencialismo vinculando-as apenas às características dos líderes. A nossa condição social e nossa formação cultural certamente contribuem para esse caráter dos nossos centros.

Os cultos exteriores, a idéia de salvação pela fé, o sectarismo, o fanatismo, os pedidos, as penitências e, de uma forma geral, a adoção de conceitos e práticas desvinculadas de análise têm sido ainda características dos grupos espíritas. É a face religiosa dos centros espíritas. “*Não compareço a reuniões de espíritas rezadores*”, dizia o Dr.

²⁷ Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 4-5.

²⁸ *Ibid.*, p. 5.

Souza RIBEIRO, de Campinas, citado por Herculano PIRES.²⁹

Em viagem de divulgação que realizou em 1862, KARDEC teve a oportunidade de abordar o problema que os cultos exteriores podiam trazer para os centros espíritas:

"Tudo nas reuniões espíritas deve se passar religiosamente, isto é, com gravidade, respeito e recolhimento. Mas é preciso não esquecer que o Espiritismo se dirige a todos os cultos. Por conseguinte ele não deve adotar as formalidades de nenhum em particular."³⁰

KARDEC considerava que era missão do Espiritismo abolir o antagonismo religioso, e não perpetuá-lo.³¹

Na visão de José Herculano PIRES, a procura do centro espírita como refúgio substitui no presente os templos do passado. Ele alerta:

"As almas frágeis precisam ser constantemente vigiadas e orientadas no Centro Espírita, pois se entregam facilmente a um misticismo inferior, tentando alcançar a angelitude através da submissão interesseira a espíritos mistificadores, dirigentes de vistas curtas e médiuns pretensiosos. Gostam de Ordens, Fraternidades, Escolas Evangélicas, de sacristia e coisas semelhantes, onde possam usar distintivos, insígnias e serem classificadas em graus de evolução."³²

Um trabalho importante para o entendimento da face religiosa dos centros espíritas foi escrito pela antropóloga Maria Laura Viveiros de CASTRO,³³ analisando o comportamento dos participantes de um centro espírita e identificando símbolos e práticas que compõem o que chama de

²⁹ J. Herculano PIRES. Introdução. Em: —. *O centro espírita*. p. XX.

³⁰ Allan KARDEC. Instruções particulares. Em: —. *Viagem espírita em 1862*. item XI, p. 128.

³¹ *Ibid.*, p. 129.

³² J. Herculano PIRES. As almas frágeis. Em: —. *O centro espírita*. cap. VI, p. 43 e 47.

³³ Maria Laura Viveiros de CASTRO. *O que é Espiritismo*: 2a. visão.

“*ritual espírita*”. Sua pesquisa, embora limitada pela consideração de um único grupo, contribui com a análise de um centro como agrupamento de pessoas.

A leitura do religiosismo nos centros espíritas também pode ser feita através de sua arquitetura.³⁴ O arquiteto Ciro PIRONDI compara as instituições espíritas a templos religiosos:

*"Se olharmos agora a disposição de uma igreja, bastaria substituir a mesa por um púlpito ou altar, as cadeiras por bancos (...), tirar as fotos de Kardec, Bezerra e Chico Xavier das paredes e colocarmos crucifixos ou santos e teríamos uma igreja."*³⁵

O debate sobre a natureza religiosa ou laica do Espiritismo, quando realizado filosoficamente, tem contribuído para uma avaliação do religiosismo, do proselitismo e do misticismo em nossos centros.³⁶

Os centros espíritas tendem a ser grandes e heterogêneos. KARDEC, percebendo a dificuldade de reunir, já no seu tempo, grupos grandes e ao mesmo tempo homogêneos, defendeu que fossem pequenos (com quinze a vinte pessoas), para que houvesse uniformidade de sentimentos, maior eficácia dos elementos que para eles entram, menor divergência dos caracteres, das idéias, das opiniões e menor facilidade para os espíritos perturbadores semearem a

³⁴ Ciro PIRONDI. O desenho arquitetônico e o centro espírita. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 67-70.

Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 12.

³⁵ Ciro PIRONDI. O desenho arquitetônico e o centro espírita. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade* p. 67-68.

³⁶ J. Herculano PIREZ. Problemas religiosos. Em: —. *O centro espírita*. cap. IX, p. 70-81.

Krishnamurti de Carvalho DIAS. *O laço e o culto: é o Espiritismo uma religião?*

discórdia.³⁷

*"A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos homogêneos deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações."*³⁸

Embora tenhamos hoje fatores complicadores para essa proposta, tais como as dificuldades para se adquirir e manter uma sede e outros recursos materiais com poucos participantes, a preocupação de KARDEC procede. Podemos identificar sobretudo nas grandes instituições os problemas mais graves de nossos centros, entre eles, a luta pelo poder, a heterogeneidade de pensamentos e sentimentos (que acaba por dificultar ou retardar a definição objetiva de caminhos a seguir), a adoção de símbolos e práticas exteriores, etc.

O clientelismo e o proselitismo são, certamente, duas entre as causas de engrandecimento excessivo dos grupos.

O centro espírita, como casa do Espiritismo, tem se constituído numa ilha, isolada do desenvolvimento cultural. Esse assunto foi objeto de estudo de Ciro PIRONDI. Para ele, o Espiritismo não influenciou na evolução do homem contemporâneo pelo fato de os espíritas se afastarem da cultura temporal e deixarem de lado os estudos e as pesquisas que visavam interrelacionar o Espiritismo com as demais áreas do conhecimento.

"(...) O Espiritismo é um processo vivo não acabado, que caminha em par com o desenvolvimento tecnológico e com as descobertas do homem e por trazer ao conhecimento um dos elementos constitutivos do universo — o e-

³⁷ Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 335, p. 422-423.

³⁸ *Ibid.*, item 334, p. 422.

lemento espiritual — ele deveria contribuir com todos os avanços da ciência e da filosofia. (...) Com uma filosofia aberta e revolucionária montamos um movimento fechado e sectário.”³⁹

1.3. AS DIVERSAS FEIÇÕES DOS CENTROS ESPÍRITAS

Qual é o objetivo dos centros espíritas? Impossível encontrar uma resposta válida para todos os grupos. Com certeza esse objetivo varia segundo fatores culturais, a ponto de podermos encontrar dois centros espíritas com objetivos (e portanto atividades) completamente diferentes. Num centro, maior ênfase é dada aos conhecimentos do Espiritismo, num outro se dá maior valor à prática da mediunidade, num terceiro as pessoas se dedicam prioritariamente ao atendimento de necessitados, num quarto centro a cura é o maior objetivo, e assim por diante.⁴⁰

Seria de se esperar que o uso da palavra “espírita” ao menos identificasse um compromisso dos grupos com o Espiritismo, mas nem mesmo nesse ponto os centros espíritas são unânimes. Jaci RÉGIS assim se expressa sobre esse problema:

“Os Centros Espíritas parecem, em sua maioria, não ter qualquer compromisso com a Doutrina. Desenvolvem atividades baseadas em comunicações esparsas, fraudam as normas e métodos indicados para a mediunidade e, muitas vezes, passam a ser subsidiários do desejo de “caridade” que avassala seus dirigentes, sempre às voltas com sopas, roupas usadas e rifas para obter recursos. Atendem a centenas de pessoas, como o fazem o Rotary, o Lions Clube, e entidades filantrópicas religiosas ou leigas. Admitem que

³⁹ Ciro PIRONDI. Influência do Espiritismo na evolução do homem contemporâneo. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 3-5.

⁴⁰ Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 60.

não ensinam o Espiritismo para não faltar à caridade.”⁴¹

1.4. EVENTOS DE RENOVAÇÃO

Temos hoje uma diversidade de tendências. Alguns grupos firmam-se no religiosismo, no mediunismo, no assistencialismo e na ignorância. Outros buscam caminhos de renovação. Mas não se pode dizer que esse movimento é novo.

Em vários momentos da história do movimento espírita brasileiro puderam ser identificadas ações renovadoras, voltadas para uma identificação maior dos grupos com o Espiritismo, conceitual e metodologicamente. Isoladas, essas ações não chegaram, na maioria das vezes, a deixar a sua marca, o que não significa que não cumpriram seu papel. Muitas vezes acabam contribuindo para a criação de focos de reconstrução e renovação que nascem à margem da inércia geral. Uma avaliação fria conclui, no entanto, que poucas pessoas foram atingidas.

Entre as ações renovadoras cujo efeito atingiu ou tem atingido um número significativo de centros está a criação das editoras espíritas, como a da FEB, no Rio de Janeiro-RJ, e O Clarim, em Matão-SP. Considero que este foi o mais significativo conjunto de eventos para superação de nossas limitações doutrinárias.⁴² As editoras espíritas se proliferaram e são hoje uma realidade. Servem, em geral, à divulgação da ideologia reinante, mas isso é apenas uma consequência de sua forte ligação com o movimento. Com os livros, revistas e jornais existe um meio de transmissão,

⁴¹ Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 4.

⁴² Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 5.

discussão e consolidação de idéias, certamente um fator de progresso.

Houve processos de renovação levados pelo movimento de unificação entre centros,⁴³ entre eles:

- a) a divulgação das “*Deliberações do Simpósio Centro-Sulino*”, realizado em 1962, com uma abrangente caracterização funcional dos centros espíritas,
- b) a proliferação do “*COEM - Centro de Orientação e Educação Mediúnica*”, um programa de estudo e sistematização da prática mediúnica elaborado pelo Centro Espírita Luz Eterna, de Curitiba, PR, a partir de 1970,
- c) a criação do “*Estudo Sistematizado de Doutrina Espírita*” pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul e sua posterior divulgação nacional pela FEB,
- d) a divulgação de documentos de orientação aos centros espíritas, pela USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, como a “*Carta aos Centros Espíritas*”, a partir de 1975, e o “*Esquema de Atividades Doutrinárias de um Centro Espírita*”, desde 1978,
- e) a divulgação, pela FEB, dos documentos “*A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades*”, a partir de 1977, e “*Orientação ao Centro Espírita*”,⁴⁴ desde 1980,

⁴³ Antonio Cesar Perri de CARVALHO. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 6.

Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 11-14.

⁴⁴ FEDERAÇÃO Espírita Brasileira. *Orientação ao centro espírita*.

- f) a campanha “*Comece pelo Começo*”, realizada pela USE a partir de 1975, para divulgação das obras de Allan KARDEC, e estendida depois, para todo o país.

A listagem desses eventos pode dar a impressão de que coube em todos esses momentos ao movimento de unificação e à sua direção a vanguarda da renovação. A verdade é que essas conquistas aparecem muitas vezes como concessões a propostas formuladas e defendidas à revelia dos dirigentes.

Diversos desses documentos, programas de cursos, cartas e orientações citados seriam hoje passíveis de revisão, mas representaram avanços na reaproximação dos grupos com o Espiritismo, mais marcantes até que alguns excelentes livros, artigos de jornais e revistas publicados que não tiveram espaço para divulgação.

A criação de grupos de pesquisas, vinculados ou não a centros espíritas, mostra que o movimento ainda busca novos caminhos.

1.5. É POSSÍVEL DEFINIR UM MODELO ?

Apesar daqueles esforços, uma análise do panorama atual nos mostra uma grande miscelânea, o que torna impossível responder, com base no que se vê, a questão “*o que é o centro espírita?*” Estabelecer um modelo seria muito difícil; analisar e propor, impossível.

Para estabelecer um modelo teríamos que optar por uma conceituação mais precisa de centro espírita, assumindo algumas de suas características. Esse modelo viabilizaria a análise e a elaboração de propostas.

Faço, portanto, com o objetivo de poder continuar esse trabalho, um exercício de modelamento.⁴⁵ O seu principal objetivo é estabelecer uma referência conceitual que sirva de base para a estruturação de uma casa espírita ou mesmo para a reestruturação de uma casa já existente. São critérios básicos a considerar na avaliação e na organização dessas casas.

O modelo não toca no problema de organização administrativa e financeira do centro, mas estabelece diretrizes para que essa organização, qualquer que seja, se volte para os objetivos de tornar o centro uma casa do Espiritismo. São três os seus componentes: as pessoas, o relacionamento do centro com o Espiritismo e a estrutura de poder, como descrevemos a seguir:

CENTRO ESPÍRITA: MODELO CONCEITUAL
O centro espírita é uma associação de pessoas
O centro espírita é comprometido com o Espiritismo
Não existe no centro espírita hierarquia estática e restritiva

- a) *O centro espírita é uma associação de pessoas encarnadas, de homens.* Poderia, por opção, abranger também os espíritos desencarnados nessa associação, já que os centros espíritas contam, em geral,

com a participação ativa dos espíritos. Os motivos pelos quais não farei isso são:

- a.1) Considero que o centro espírita é organizado e dirigido por homens, tendo espíritos desencarnados como convidados. Desta forma, qualquer estudo relativo à estrutura, atividades, métodos, prioridades e orientação doutrinária em um centro passa necessariamente pelo comportamento dos homens que o compõem.
- a.2) As atividades do centro espírita, incluindo as reuniões mediúnicas, são organizadas e dirigidas por homens. As propostas relativas a essas reuniões devem se dirigir, pelo menos num primeiro momento, a eles.
- a.3) São os homens que participam da vida social, contexto em que está inserido o centro.
- b) *O centro espírita é comprometido com o Espiritismo.* Esse compromisso se concretiza através do estudo de livros espíritas, incluindo necessariamente as obras de Allan KARDEC, e adequação das diversas atividades aos conceitos e métodos próprios da doutrina.
- c) *Não existe no centro espírita hierarquia estática e restritiva.* O efeito mais importante dessa estrutura é a igualdade para aprender, praticar e influir.

Um centro espírita aberto à participação integral de pessoas interessadas em aprender e contribuir, e comprometido com o aprendizado e desenvolvimento do Espiritismo será o modelo, para os centros espíritas modernos,

⁴⁵ Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 59-61.

que adotarei a partir daqui. Mas caberia perguntar: *como será o centro espírita do futuro?*⁴⁶

*“A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos homogêneos deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações.”*⁴⁷

Allan KARDEC (1804-1869)

⁴⁶ Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 14.

⁴⁷ Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 334, p. 422.

Capítulo 2 A MEDIUNIDADE

O Espiritismo está histórica e metodologicamente vinculado à mediunidade. Ele nasceu e cresceu a partir do estudo dos fenômenos mediúnicos. Sem a mediunidade o Espiritismo simplesmente não existiria. A mediunidade é o elemento mais importante da estrutura do centro espírita pois concretiza o mundo dos espíritos, objeto principal de estudo do Espiritismo.

2.1. O PAPEL DA MEDIUNIDADE

*"Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos."*⁴⁸

KARDEC dedicou grande importância à mediunidade e à comunicação com os espíritos. O relato que fez do início de suas pesquisas mostra isso:

⁴⁸ J. Herculano PIRES. *Mediunidade: vida e comunicação: conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais.* cap.I, p. 11.

*"Compreendi, logo à primeira vista, a importância das pesquisas que iria fazer. Vislumbrei naqueles fenômenos a chave do problema do passado e do futuro da Humanidade, tão confuso e tão controvertido, a solução daquilo que eu havia buscado toda a minha vida."*⁴⁹

Com o tempo fortaleceu ainda mais a convicção que a mediunidade deve ser estudada e praticada com seriedade. O sua principal obra sobre o assunto, *O livro dos médiuns*,⁵⁰ foi lançada em 1861 em substituição a uma outra de mesma natureza, *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*,⁵¹ que havia sido lançada em 1858, pois considerou que esta não era suficientemente completa.⁵² Nos seus estudos, dedicou especial atenção à psicografia, pois percebeu que a escrita *"tem a vantagem de assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que se podem conservar, como fazemos com nossa correspondência"*.⁵³ Essa sua preocupação esclarece, em parte, o caráter que atribuía à mediunidade: um forte instrumento de comunicação com o invisível, tanto quanto de documentação.

Para KARDEC era necessária uma conceituação precisa de "mediunidade" (e "médiuns"), além de uma classificação detalhada dos fenômenos. Foi o que fez.⁵⁴ Um ponto delicado referia-se à questão: quem é médium? Resolveu-a da seguinte forma: todo aquele que sente, num grau qual-

⁴⁹ Allan KARDEC. Extratos "in extenso" do livro das previsões concernentes ao Espiritismo: manuscrito feito com especial cuidado por Allan Kardec. Em: —. *Obras Póstumas.* parte 2, p. 220.

⁵⁰ —. *O livro dos médiuns.*

⁵¹ —. *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.* Em: —. *Iniciação espírita.* p. 175-299.

⁵² —. Introdução. Em: —. *O livro dos médiuns.* p. 13.

⁵³ —. Da psicografia. Em: *Ibid*, parte 2, cap. XIII, item 152, p. 190.

⁵⁴ Allan KARDEC. *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas - Vocabulário espírita.* Em: —. *Iniciação espírita.* p. 182-216.
—. *O livro dos médiuns.* parte 2, cap. XIV-XVI, p. 195-236 e cap. XXXII, p. 478-480.

quer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium, mas, usualmente, assim só se qualificam aqueles em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensível.⁵⁵ Estudando esse problema mais recentemente, CRAWFORD chamou de “estática” a mediunidade natural, que todos possuem, e “dinâmica” a mediunidade ativa. José Herculano PIRES apresenta também as denominações de “mediunidade generalizada” e “mediunato”, respectivamente.⁵⁶

Esse continua sendo um dos pontos mais delicados no trato da questão mediúnica, pois toca no problema da necessidade de dedicação do médium à mediunidade. É muito comum a frase: “você é médium”, por vezes emitida numa primeira entrevista, ser utilizada como instrumento de proselitismo. Penso que essa postura deve ser reavaliada, mesmo que se constate a presença de mediunidade ativa (caracterizada, ostensiva, mediunato). Não está demonstrado que os médiuns necessitam se dedicar ao centro espírita “para não sofrer perturbações”.

Há ainda um outro ponto em que o conceito de mediunidade generalizada toca: o do caráter de graça ou provação atribuído à mediunidade:

“O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos centros, é espantosamente ambivalente e portanto contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam

⁵⁵ Allan KARDEC. Dos médiuns. Em: *O livro dos médiuns*, parte 2, cap. XIV, item 159, p. 195.

⁵⁶ J.Herculano PIRES. *Mediunidade: vida e comunicação: conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. cap.II, p 18.

seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades.”⁵⁷

A atitude de adoração, adulação ou até louvação de médiuns tem como causa principal a falta de reflexão sobre o papel da mediunidade.

2.2. AS REUNIÕES MEDIÚNICAS

Nas reuniões mediúnicas realizam-se os contatos com espíritos no centro espírita. Qualquer processo de análise ou revisão envolve necessariamente essas reuniões. De acordo com o modelo proposto no capítulo 1, elas devem consagrar conceitos e métodos próprios do Espiritismo.

Quando KARDEC classificou as reuniões mediúnicas como frívolas, experimentais e instrutivas,⁵⁸ buscou identificar as “condições especiais” em que as reuniões sérias devem ser realizadas, destacando a necessidade de participação de pessoas sérias e o intuito de se instruir.

A uniformidade de objetivos e sentimentos, só possível com um número pequeno de participantes, ganha aqui um significado vital.⁵⁹ Mesmo os centros espíritas que optam por crescer necessitam cuidar para que as reuniões mediúnicas não inchem e portanto não percam esse caráter.

Seria possível estabelecer critérios generalizados? Creio que alguns, sim. A começar pela busca de aperfeiçoamento e instrução. As reuniões mediúnicas que perpetuam os seus objetivos, métodos, médiuns e até comunica-

⁵⁷ J.Herculano PIRES. O centro e a comunidade. Em: *O centro espírita*. p.18.

⁵⁸ Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, itens 324-329, p. 413-418.

⁵⁹ *Ibid.*, parte 2, cap. XXIX, itens 332, 334 e 335, p. 420-423.

Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 3.

ções podem estar perdendo a oportunidade de contribuir para o aprimoramento técnico e moral dos participantes e do próprio Espiritismo. Essa observação vale também para chamadas reuniões de assistência, que discutirei adiante, onde estrutura e personagens costumam se cristalizar no centro espírita.

Duas das características de um trabalho sério são a regularidade e a continuidade, pois a experiência mostra que a participação dos espíritos é também regular. No entanto, KARDEC alerta que, *“se bem os Espíritos preferam a regularidade, os de ordem verdadeiramente superior não se mostram meticulosos a esse extremo. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade, como tudo que seja pueril.”*⁶⁰

Quando estudou a influência do meio, KARDEC colocou que *“uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe”*. Como consequência, apresenta as *“condições mais favoráveis para uma Sociedade que aspira granjear a simpatia dos bons Espíritos”*, entre elas: perfeita comunhão de vistas e sentimentos, cordialidade recíproca, desejo de se instruir e melhorar, recolhimento e silêncio respeitosa, e outras.⁶¹ No trato com espíritos perturbadores, propôs *“enérgica resistência”*, envolvendo prece, caridade e atenção.⁶²

Há um ponto sobre o qual pairam dúvidas na organização de reuniões mediúnicas: a validade de se evocar espíritos. Largamente utilizado e defendido por KARDEC, esse

⁶⁰ Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 333, p. 421.

⁶¹ Ibid., itens 331 e 341, p. 419 e 427-428.

— Da influência do meio. Em: —. *O livro dos médiuns*. p. 285-288.

⁶² —. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 340, p. 426-427.

método foi fundamental em suas pesquisas.⁶³ Nos relatos constantes do livro *O céu e o inferno*, por exemplo, é grande o número de casos estudados com uso de evocações. EMMANUEL, através da mediunidade de Francisco C. XAVIER, recomenda que as evocações não sejam utilizadas *“em caso algum”*, e justifica a sua posição:

“Se essa evocação é passível de êxito, sua exeqüibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espíritos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem-intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento de seu coração.

*“Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada a necessidades e méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns.”*⁶⁴

A idéia de EMMANUEL é generalizada entre os centros, e é no mínimo estranha. A maior dificuldade em potencial — a de identificação dos espíritos — também foi sentida e estudada por KARDEC.⁶⁵ A organização de reuniões mediúnicas em geral, e os trabalhos de pesquisas, em particular, requerem um novo estudo desses conceitos. Senão estaremos correndo o risco de obedecer a proibições bibli-

⁶³ Allan KARDEC. Das evocações. Em: —. *O livro dos médiuns*, cap. XXV, p. 338-368.

⁶⁴ Francisco Cândido XAVIER. *O consolador*. parte IV, item 369, p. 207.

⁶⁵ Allan KARDEC. Da identidade dos espíritos. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIV, p. 315-337.

cas com a justificativa única de que não estamos preparados.

O preparo contínuo dos médiuns para a realização de suas tarefas requer a elaboração de um processo de desenvolvimento da mediunidade, também chamado de educação mediúcnica. Não é mais admissível deixar que a “prática” ou a “vida” ensinem por si mesmo. KARDEC colocou a necessidade de desenvolvimento, estudando sobretudo a mediunidade psicográfica.⁶⁶ Há, basicamente, dois aspectos no desenvolvimento do médium:⁶⁷

- (1) a prática, que envolve a necessidade de aperfeiçoamento técnico,
- (2) a aplicação, que abrange a compreensão da influência moral e intelectual que exerce sobre as comunicações, da melhor maneira de aplicar seu potencial e das dificuldades e cuidados que a atividade mediúcnica envolve.

Em termos de aplicação, é fundamental que a formação de médiuns leve em consideração o seu papel nas comunicações. O animismo, fenômeno observado por KARDEC e outros pesquisadores, requer um estudo aprofundado no processo de desenvolvimento da mediunidade, pois o seu desconhecimento tem levado ora a confusões e enganos em relação a comunicações, ora a preconceitos descabidos em relação a médiuns. Adoto a conceituação utilizada por Alexandre AKSAKOF,⁶⁸ em que animismo e mediunidade não se excluem. Segundo ele podem ser identificados os seguintes tipos de fenômenos:

⁶⁶ —. Da formação dos médiuns - Desenvolvimento da mediunidade. Em: *Ibid.*, cap. XVII, itens 200-218, p. 237-249.

⁶⁷ *Ibid.*, itens 200-217, p. 237-249.

⁶⁸ Alexandre AKSAKOF. A hipótese dos espíritos. Em: —. *Animismo e Espiritismo*. v. II, cap. IV, p. 226-404.

- a) *anímicos não mediúnicos*, que envolvem exteriorizações do próprio ser através dos sonhos, do sonambulismo, da telepatia, da clarividência no espaço e no tempo, da telecinesia, da telemnesia, da psicometria etc.
- b) *anímicos mediúnicos*, que envolvem participação de pessoas vivas em fenômenos mediúnicos tais como psicografia, psicofonia, aparições etc.
- c) *espíritas* (necessariamente mediúnicos), que envolvem participação de pessoas desencarnadas.

Essa classificação foi também adotada por Ernesto BOZZANO.⁶⁹ Segundo ela, o médium que transmite mensagem de seu próprio espírito, quando em estado de emancipação, realiza um fenômeno anímico mediúnico. KARDEC estudou esse caso e concluiu que esse assunto é sutil e delicado, necessitando muitas observações e meditações antes de se concluir qualquer coisa sobre a natureza de determinado fenômeno. Concluiu também que é generalizada e natural a influência do médium nas comunicações.⁷⁰ Isso nos leva à necessidade de rever duas posições: por um lado, o descuido na identificação dos fenômenos mediúnicos de natureza anímica e, por outro, o preconceito em relação a médiuns que apresentam características anímicas, confundindo-os com charlatães.⁷¹

Todas essas considerações, se não resolvem, pelo menos levantam aspectos relevantes na estruturação das reu-

⁶⁹ Ernesto BOZZANO. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?*

⁷⁰ Allan KARDEC. Do papel do médium nas comunicações espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XIX, item 223, p. 259-266.

⁷¹ Alexandre SECH. Animismo e mediunismo. Em: Autores diversos. *Encontro com a cultura espírita*. p. 174-176.

Francisco Cândido XAVIER. *Nos domínios da mediunidade*. cap. 22, p. 209-215. Martins PERALVA. *Estudando a mediunidade*. cap. XXXVI, p.186-190

niões mediúnicas. Passemos agora às reuniões propriamente ditas.

2.3. ATIVIDADES MEDIÚNICAS NO CENTRO ESPÍRITA

Apresento aqui, a título de sugestão, uma estrutura de atividades mediúnicas do centro espírita, ainda de acordo com o modelo proposto no capítulo 1. Essas atividades podem caracterizar reuniões específicas ou ser combinadas entre si para formar as reuniões:

- a) *estudos de mediunidade*
- b) *assistência a espíritos desencarnados*
- c) *atendimento de pessoas*
- d) *terapia de obsessão*
- e) *passes*
- f) *pesquisas de mediunidade*

ATIVIDADES MEDIÚNICAS NO CENTRO ESPÍRITA
Estudos de mediunidade
Assistência a espíritos desencarnados
Atendimento de pessoas
Terapia de obsessão
Passes
Pesquisas de mediunidade

2.3.1. Estudos de mediunidade

Essas reuniões estão voltadas para o conhecimento da mediunidade, teórico e prático. Delas participam os elementos ativos das diversas reuniões mediúnicas. A programação deve envolver o desenvolvimento mediúnico e o aprimoramento contínuo.

KARDEC alertou para a importância desses estudos. Coloca como um dos motivos mais importantes a necessidade de preparo contra a “tola presunção de infalibilidade” e a “fascinação”. Para ele, a instrução “*não abrange apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos*”. Os estudos das comunicações produzidas nas próprias reuniões de estudos e fora delas (envolvendo conteúdo, forma, linguagem, participação do médium etc.), constituem-se em instrumentos simples e relevantes.⁷² O estudo teórico deve envolver textos básicos consagrados, em especial *O livro dos médiuns*⁷³ e a *Revista espírita*.⁷⁴

2.3.2. Assistência a espíritos desencarnados

Na assistência a espíritos desencarnados é estabelecido contato mediúnico com espíritos desencarnados para que:

- (1) os espíritos exponham suas idéias e sensações,
- (2) quando for o caso, as pessoas do grupo mediúnico falem aos espíritos — com base no conhecimento espírita e em experiências anteriores no contato com outros espíritos — sobre seu estado de desen-

⁷² Allan KARDEC. Das reuniões e das sociedades espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, itens 328-329 e 343-347, p. 416-418 e 429-432.

⁷³ —. *O livro dos médiuns*.

⁷⁴ —. *Revista espírita*.

J. Herculano PIRES. O centro e a comunidade. Em: —. *O centro espírita*. cap. III, p. 15.

carnado (muitas vezes não percebido pelos espíritos) e sobre as idéias que apresentam,

- (3) quando for o caso e mais uma vez com base no conhecimento espírita, as pessoas reconfortem e orientem os espíritos em relação a suas dores e sofrimentos, que são em geral fruto de sua inferioridade e do processo às vezes doloroso de transição entre o mundo material e o espiritual,
- (4) as pessoas e os próprios espíritos conheçam mais sobre a vida no mundo espiritual.

Questiona-se esse tipo de atividade considerando que seria melhor ou mais lógico que os próprios espíritos superiores, também desencarnados, orientassem os demais. Já ouvi também argumentos no sentido de que o número de espíritos que se pode assistir é diminuto, frente ao de necessitados. No entanto, os estudos e observações demonstram a utilidade desta atividade no centro, pois:

- (1) os espíritos atendidos são, em geral, restritos a um grupo ligado ao próprio centro,
- (2) muitos espíritos inferiores ou sofredores se mostram mais sensíveis ao contato com pessoas encarnadas que com os próprios espíritos, possivelmente pelo efeito do ambiente e da presença de energia animal, e
- (3) essas comunicações constituem-se, como tantas outras, em motivo de aprendizado e experiência.⁷⁵

Cabe aqui alertar para a necessidade do enquadramento dessa atividade dentro de um processo amplo de aperfeiçoamento de médiuns e espíritos. A assistência a espíri-

⁷⁵ Ibid., p. 15.

tos sempre corre o risco de se tornar estática e repetitiva, pouco contribuindo para aquele aperfeiçoamento real.

2.3.3. *Atendimento de pessoas*

Essas reuniões, realizadas em massa nos centros espíritas, necessitam obter um caráter mais definido e um aprimoramento técnico. Destinam-se ao atendimento, diagnóstico e tratamento de pessoas com possíveis problemas de natureza espiritual, possivelmente com encaminhamento posterior para reuniões de passes ou terapia de obsessão.

Na grande maioria dos centros espíritas o processo de diagnóstico é ainda realizado de forma empírica e intuitiva. Conta-se, em geral, com “orientação de espíritos desencarnados”, desprezando-se a necessidade de desenvolver e aplicar métodos e técnicas específicas para esta importante área de atuação espírita.

2.3.4. *Terapia de obsessão*

KARDEC dedicou boa parte de seu trabalho ao estudo da obsessão e seu tratamento.⁷⁶ Para José Herculano PIRES, é a parte “*mais importante e necessária das atividades mediúnicas*”.⁷⁷ Concordo que é uma das áreas de maiores possibilidades para o Espiritismo na atualidade, mas o seu desenvolvimento dependerá de uma mudança de postura em relação à terapia, passando a assumir o seu caráter

⁷⁶ Allan KARDEC. Da obsessão. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIII, p. 297-314.

—. Os fluidos. Em: *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. XIV, itens 45-49. p. 258-261/220-305.

—. Manifestações dos espíritos - § 7º Da obsessão e da possessão. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 1, p. 40-46.

Éder FÁVARO e outros. A estrutura dos centros espíritas de Kardec aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 7.

⁷⁷ J. Herculano PIRES. Os serviços do centro. Em: —. *O centro espírita*. cap. II, p. 8.

essencialmente técnico e interdisciplinar.⁷⁸ Com todo o desenvolvimento atual da psicologia, da medicina (sobretudo da psiquiatria) e do Espiritismo, não se pode mais realizar um tratamento que desconsidere a necessidade de combinar as contribuições dessas áreas da ciência. Não é suficiente (embora seja necessário) afixarmos uma placa no salão com os dizeres: “*Recomendamos a todos os pacientes em tratamento que busquem sempre consultar o médico de sua confiança*”. É fundamental estabelecer critérios claros para o diagnóstico e o tratamento, que estabeleça a contribuição efetiva e os limites do tratamento espírita. Há uma dificuldade: essa necessidade demanda um trabalho grandioso de pesquisa ainda por ser realizado (tanto sob o ponto de vista técnico como legal) no sentido de conjugar esforços e dar ao paciente um tratamento integral: físico, psicológico, mental, espiritual.

A terapia da obsessão no centro espírita visa:

- (1) atender pessoas envolvidas em processos obsessivos, visando sua cura,
- (2) avaliar e aperfeiçoar continuamente o método e as técnicas da terapia.

As reuniões de terapia de obsessão devem contar com uma equipe preparada e especializada nesse tipo de atendimento, além de uma metodologia de atendimento, tratamento, acompanhamento, avaliação e catalogação dos casos.

⁷⁸ Celso MARTINS. *A obsessão e seu tratamento espírita*. Francisco Cândido XAVIER; Waldo VIEIRA. *Desobsessão*.

2.3.5. Passes

São também chamados de fluidoterapia.⁷⁹ Seu objetivo é o de combinar potencialidades anímicas (das almas de pessoas vivas) e espirituais para a cura de enfermidades de natureza física (psicossomática), mental ou espiritual. Pode ser realizado através da emissão energética próxima sobre a pessoa enferma ou mesmo à distância.⁸⁰

As atividades de passes têm sido responsáveis, em grande parte, pela descaracterização dos centros espíritas, que passam a privilegiar o atendimento de um número cada vez maior de pessoas e se distanciam das atividades vinculadas ao estudo e desenvolvimento do Espiritismo.

Penso que o problema está no fato de que muitos grupos desvinculam os passes de um tratamento mais profundo e metodologicamente elaborado. O passe passa a ser distribuído como aspirina, em reuniões públicas. A idéia geral é a de que “não contém contra-indicações” (a comparação que faço com aspirinas é uma força de expressão, devido ao seu uso popular generalizado, mas é sabido que as aspirinas possuem contra-indicações). Essa distribuição à granel põe em cheque até mesmo a suposta missão de hospital espiritual que muitos grupos buscam realizar, pois o centro deixa de ser hospital para ser farmácia.

Um outro problema está no caráter ainda mágico que se atribui ao passe. Pouco conhecem sobre ele os dirigentes, aplicadores e receptores, a despeito dos estudos de

⁷⁹ Estudos recentes têm demonstrado a necessidade de substituição dos termos “passe” e “fluidoterapia” por expressões mais próprias, que denotem o caráter de transmissão energética nesses fenômenos. Uma contribuição importante para esses estudos é dada por Reinaldo di Lucia em: Reinaldo di LUCIA. Passes: discussão e propostas. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. *Anais*.

⁸⁰ J. Herculano PIRES. IV - Passe à distância. Em: —. *Obsessão. O passe. A doutrinação*. p. 45-47.

KARDEC e outros.⁸¹ José Herculano PIRES combateu as visões distorcidas em relação ao significado do passe e as práticas que não condizem com a concepção espírita:

“O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus, como se vê nos Evangelhos. (...)”

“O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje o envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. (...) Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensivas e ridículas gesticulações.”

“As encenações preparatórias: mão erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluidica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante, só servem para ridicularizar o passe, o passista e o paciente. A formação das chamadas pilhas mediúnicas, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, as correntes de mão dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa — condenadas por Kardec — nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século passado, inúteis, supersticiosos, ridicularizantes. (...)”

“O passe espírita é prece, concentração e doação.”⁸²

2.3.6. Pesquisas de mediunidade

Todas as reuniões mediúnicas possuem esse caráter, no sentido de que a análise, sistematização, compilação e codificação das comunicações devem estar presentes em todas elas, visando o aperfeiçoamento do pessoal, o desenvolvimento do Espiritismo e a divulgação interna e

externa dos dados de interesse. No entanto, algumas áreas novas podem merecer a formação de grupos de pesquisas especiais, visando o seu mais rápido desenvolvimento.

As atividades de pesquisa no centro espírita são discutidas no próximo capítulo.

2.4. CONCLUSÃO: A MEDIUNIDADE NA REVISÃO DO CENTRO ESPÍRITA

A revisão estrutural das reuniões mediúnicas tem base teórica sólida para ser realizada nos centros espíritas. Envolve antes de mais nada uma definição mais objetiva do papel da mediunidade e a valorização das atividades de formação de recursos humanos. O ponto mais importante é a mudança de visão dos dirigentes, médiuns e frequentadores de uma forma geral: a mediunidade deixa de ser um sacerdócio para ser um instrumento de trabalho e pesquisa, deixa de ser uma expiação para ser uma das mais ricas manifestações da natureza humana.

O aprimoramento das reuniões mediúnicas é decisivo para o centro. Quanto mais voltadas para o próprio desenvolvimento do Espiritismo, maior impacto trarão à feição e à estrutura da casa espírita.

⁸¹ Allan KARDEC. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. XIII-XV, p. 220-305.

⁸² J. Herculano PIRES. *Obsessão. O passe. A doutrinação*. p. 35-38.

“O conceito de mediunidade que vigora entre nós, na maioria esmagadora dos centros, é espantosamente ambivalente e, portanto, contraditória. Afirma-se ao mesmo tempo que a mediunidade é uma graça e uma provação, que os médiuns são espíritos grandemente faltosos, não obstante adorados como enviados de Deus. Os que estudam seriamente a Doutrina logo percebem a falsidade desse conceito. A mediunidade é uma faculdade natural da espécie humana, como todas as demais faculdades”⁸³

J. Herculano PIRES (1914-1979)

Capítulo 3 ESTUDOS E PESQUISAS

Os espíritas em geral consideram que o caminho de continuidade do Espiritismo e dos próprios centros está nas atividades de estudos e pesquisas. Apesar disso elas ainda buscam seu lugar ao sol, pois faltam medidas objetivas. Neste capítulo estudo essas atividades e suas perspectivas.

3.1. A BASE DO CENTRO

Os estudos e as pesquisas são o sustentáculo do centro cujo modelo propus no capítulo 1. As diversas atividades do centro são embasadas e orientadas por eles. As pessoas tomam contato com o Espiritismo, criam, desenvolvem e substituem atividades baseadas neles. No entanto, isso não tem sido verdade na grande maioria dos nossos centros reais, por razões culturais diversas.

Embora reconhecida como fundamental por dirigentes e freqüentadores de todas as casas, poucas vezes se encontra um centro espírita em que as atividades de estudos e pesquisas sejam colocadas como as mais importantes. Muitas vezes a necessidade salvadora de “praticar a caridade” (dar roupas e alimentos, dar passes, atender pessoas e espíritos) substitui o peso do conhecimento espírita, que

⁸³ J.Herculano PIRES. O centro e a comunidade. Em: *O centro espírita*. p.18.

daria certamente uma grande contribuição para libertar as pessoas de seus maiores problemas existenciais.

Allan KARDEC chegou a propor uma estrutura para as reuniões, baseado na experiência da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*. Nota-se a preocupação básica com estudos e pesquisas:

"Os trabalhos de cada sessão podem regular-se conforme se segue:

1a Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo.

2a Relatórios diversos. - Correspondência. - Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. - Narrativa de fatos que interessem ao Espiritismo.

3a Matéria de estudo. - Ditados espontâneos. - Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. - Evocações.

*4a Conferência.-Exame crítico e analítico das diversas comunicações. - Discussão sobre diferentes pontos da ciência espírita.*⁸⁴

A proposta de KARDEC sugere que:

- (1) estudos e pesquisas são as atividades básicas da sociedade,
- (2) o nosso principal objeto de estudo é a mediunidade,
- (3) podemos utilizar as próprias comunicações obtidas na casa como instrumentos de aprendizado e pesquisa.

Para os grupos que não possuíssem médiuns, KARDEC propôs também que realizassem estudos diversos.⁸⁵

Em relação à pesquisa, em particular, é necessário, antes de tudo uma desmistificação da palavra. Denomino

⁸⁴ —. Das reuniões e das sociedades espíritas - Das sociedades propriamente ditas.

Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 346, p. 430-431.

⁸⁵ *Ibid.*, item 347, p. 431-432.

pesquisa a todas as atividades do centro que envolvam um trabalho de elaboração humano.⁸⁶ Assim sendo, a mais simples reunião mediúnica pode realizar pesquisa, bastando para isso que adote uma metodologia de trabalho e um conjunto de técnicas para aplicá-la, sempre na busca de conhecer algo mais.

O maior exemplo que tivemos neste sentido veio do próprio KARDEC. As diversas obras da codificação apresentam exemplos da postura de KARDEC em relação à pesquisa mediúnica. Para ele era muito clara a diferença entre o seu papel e dos espíritos: ele era o pesquisador, enquanto os espíritos, médiuns e fenômenos eram objetos de pesquisa. Cabia a ele planejar, conduzir e avaliar continuamente os resultados da pesquisa (este era o trabalho de elaboração humano, necessário em qualquer pesquisa).

A título de ilustração, escolho um caso relatado em *O livro dos médiuns*, que ilustram com muita clareza a sua forma de trabalhar: numa pesquisa sobre o laboratório do mundo invisível, em que entrevista o espírito São Luís, KARDEC conduz passo a passo a discussão e não se submete com facilidade às explicações dadas pelo espírito para a aparição de objetos. KARDEC considerava, antes da arguição, que essas aparições se explicavam pela existência de um duplo etéreo no mundo invisível, da mesma forma que os homens são nele representados pelos espíritos. Quando São Luís dá uma explicação diferente, dizendo que os próprios espíritos podem concentrar elementos da atmosfera e dar-lhes uma aparência, KARDEC ainda volta à questão, para obter uma confirmação de São Luís. Este chega a responder de forma lacônica: *"Parece-me que a minha resposta precedente resolve a questão"*, mas não há cons-

⁸⁶ Allan KARDEC. Caracteres da revelação espírita. Em: Allan KARDEC. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, cap. I, itens 13-15, p. 15-16.

trangimentos: tanto um quanto outro conhecia o seu próprio papel no jogo da busca de conhecimento.⁸⁷

Este simples exemplo mostra que pesquisar depende mais de uma postura de observação e crítica do que de títulos acadêmicos: na maioria dos grupos espíritas modernos uma manifestação de São Luís (ou de um espírito elevado qualquer) causaria tanta admiração que suas palavras seriam absorvidas sem qualquer análise ou questionamento. Por causa dessa postura não se evocam os espíritos, não se fazem perguntas objetivas sobre assuntos de interesse da ciência, não se registram, avaliam e divulgam os resultados.

Uma estrutura baseada em estudos e pesquisas traz problemas a serem enfrentados. O primeiro se refere à necessidade de restrições à frequência e à integração de novos participantes.⁸⁸ São atividades que exigem intensa participação das pessoas, assiduidade e amadurecimento dos grupos de trabalho. Se pessoas novas e inexperientes entram e saem de um grupo continuamente, é muito difícil fazê-lo progredir e dar uma contribuição real. O processo de integração de novas pessoas necessita de critérios claros que envolvem seu conhecimento prévio de Espiritismo, seus vínculos com o centro e com o grupo de estudo, sua idade, seus interesses etc. O estabelecimento desses critérios só trarão realmente algum problema se forem mantidas as velhas idéias de grandeza do centro e da necessidade de conquistar frequentadores a qualquer custo.

Os novos participantes se integram aos poucos e recebem recursos para se aperfeiçoarem e se prepararem para

atividades mais elaboradas, através de cursos, palestras e seminários. Só não podemos cair na armadilha do catecismo, que estabelece passos rígidos e predeterminados para se atingir algum estágio. O centro espírita possui uma estrutura aberta ao crescimento e à participação. Há pessoas que com pouco tempo mostram-se preparadas para novos desafios: já leram vários livros, compreenderam os pontos fundamentais da doutrina e têm interesse pelo trabalho. Elas não podem ficar enterradas em cursos infundáveis antes de começar a contribuir.

Outro problema se refere à integração de crianças e jovens nas atividades, que numa estrutura moderna, deve ser a maior possível. As crianças e, em menor escala, os jovens, compartilham o mundo com uma visão diferenciada. São preocupações, interesses, formas de abordagem diferentes e que podem receber, por parte do centro espírita, espaço próprio para sua expansão. Qualquer que seja o campo de visão a contribuição do Espiritismo é muito grande, porque toca no que todos temos de mais profundo: nossa capacidade de ser, existir e crescer. É fundamental, no entanto, identificar os pontos comuns e as oportunidades de convivência para aprendizado conjunto. Através de sua participação em atividades integradas os jovens têm contribuído para que os estudos ganhem espaço nos centros.⁸⁹

3.2. CRITÉRIOS NECESSÁRIOS PARA UMA ESTRUTURA BASEADA EM ESTUDOS E PESQUISAS

⁸⁷ —. Do laboratório do mundo invisível. Em: —. O livro dos médiuns. cap. VIII. p. 156-165.

⁸⁸ Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 10.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 11.

A criação de uma estrutura baseada no conhecimento envolve alguns critérios necessários para lhe dar consistência:

- a) *Os estudos e pesquisas devem levar em consideração os contextos histórico, cultural e social.*

*"A leitura não pode ser entendida sem a consideração dos contextos culturais e sociais em que se inserem autor e leitor. O primeiro deixa marcados no texto uma época e um conjunto de ideologias e relações sociais. Depois sai do processo. O segundo interpreta e vive o texto segundo um grupo análogo de fatores. Processa-se o diálogo."*⁹⁰

O estudo do Espiritismo, como de qualquer disciplina, exige a consideração de contextos, para se evitar estudos abstratos que consideram os textos independentemente do tempo e do espaço. É assim que se deve estudar profundamente, entre outros fatores: o contexto histórico no estudo das obras espíritas,⁹¹ o contexto social em que o grupo social está inserido,⁹² as relações entre aqueles estudos e os conhecimentos das demais áreas da ciência e da filosofia, etc.

A pesquisa espírita também encontrará nas pesquisas e métodos de outras disciplinas a base que necessita. Uma pesquisa isolada do desenvolvimento científico não pode ter valor real.

- b) *O material de estudos deve ser consistente e abrangente.*

⁹⁰ Mauro de Mesquita SPINOLA. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. *Anais*. p. 5.

⁹¹ *Ibid.*, p. 8-21.
Carlos Roberto de MESSIAS. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*.

⁹² Mauro de Mesquita SPINOLA. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. *Anais* p. 22-27.

Os livros e outros materiais utilizados nos estudos e pesquisas devem envolver as obras básicas do Espiritismo, complementadas por outros relatos de pesquisas antigos e modernos, obras mediúnicas e demais textos elucidativos, espíritas ou não, que tenham relação com os assuntos de estudos. Os materiais produzidos nos próprios grupos podem contribuir com os estudos e pesquisas posteriores.

A organização de uma biblioteca e uma livraria abrangentes é indispensável para aperfeiçoamento dos estudiosos e a difusão de idéias.⁹³

- c) *As reuniões devem possuir uma estruturação didática.*

O aperfeiçoamento dos grupos de estudos tem determinado o aprimoramento da estruturação didática e a diversificação das técnicas de estudos. A tendência deve ser a de permitir cada vez mais o acesso de todos ao conhecimento, de acordo com o interesse.

- d) *Os participantes de cada grupo devem estar integrados em termos de trabalho e relacionamento.*

Havendo comunicação entre eles, a possibilidade de satisfação e êxito nas atividades é muito maior.

3.3. ATIVIDADES DE ESTUDOS E PESQUISAS NO CENTRO ESPÍRITA

A título de sugestão, apresento uma estrutura de atividades de estudos e pesquisas no centro espírita:

- a) *estudos doutrinários*
b) *estudos para a infância*

⁹³ MANUAL do divulgador do livro espírita.

- c) estudos para a juventude
- d) pesquisas
- e) divulgação do Espiritismo.

ATIVIDADES DE ESTUDOS E PESQUISAS NO CENTRO ESPÍRITA
Estudos doutrinários
Estudos para a infância
Estudos para a juventude
Pesquisas
Divulgação do Espiritismo

3.3.1. Estudos doutrinários

Esses são os estudos de Espiritismo, envolvendo seu conteúdo científico, filosófico e moral. Aqui os temas básicos se entrelaçam com os diversos assuntos relacionados, tais como ciência, história, moral, sociedade, família, problemas atuais etc. Os estudos de mediunidade, abordados no capítulo 2, estão também aqui incluídos.

Os estudos espíritas contribuem para uma maior compreensão e para uma contínua e sistemática reflexão sobre nossa vida. O Espiritismo é um convite ao pensar, ao criar, ao descobrir. Seu conteúdo filosófico convida-nos a enfrentar as questões da existência, o seu significado em relação ao passado e o futuro. Nos estudos espíritas as pessoas são convidadas a pensar, a criticar, a discutir, para crescer.

Por outro lado, a base científica da doutrina — seu método, suas técnicas, seus critérios — compromete-nos com o trabalho contínuo de busca de novas informações, análises e elaborações, visando a construção do conhecimento espírita. Os estudos espíritas partem da constatação kardequiana de que o Espiritismo não é uma obra acabada e necessita de elaboração e contextualização contínuas.

Uma consideração especial merecem os estudos de moral. Para KARDEC, eles devem se basear na reflexão que os demais conhecimentos espíritas trazem, tais como a imortalidade, a reencarnação e a vida futura.⁹⁴ As doutrinações que abrangem aspectos puramente comportamentais ferem o método espírita de abordagem do problema. Há na literatura espírita muitos exemplos dessa distorção, em que a análise moral se limita a uma série de recomendações sobre a forma de se comportar.⁹⁵

3.3.2. Estudos para a infância

A infância deverá possuir um programa próprio, baseado nos conceitos básicos do Espiritismo e na integração desses conhecimentos com os demais. Métodos didáticos modernos, próprios para cada uma das faixas etárias, necessitam ser aplicados, tanto quanto o são nas escolas. As atividades devem ser diversificadas, contextualizando o conhecimento espírita e permitindo a expressão completa das características infantis. Desta forma criam-se condições para uma melhor percepção das idéias espíritas.

⁹⁴ Allan KARDEC. Conclusão. Em: —. *O livro dos espíritos*. item VIII, p. 489-491.

⁹⁵ Ney Prieto PERES. *Manual prático do espírita*.

Waldo VIEIRA. *Conduta espírita*.

Francisco Cândido XAVIER. Cultivando paciência. Ditado pelo espírito Albino Teixeira. Em: —. *Coragem*. p. 17-18.

Durante muitos anos desenvolveu-se no movimento espírita a idéia de evangelizar as crianças. Os educadores passaram a ser chamados de evangelizadores. É necessário que nos libertemos disso e passemos a realizar um trabalho de educação integral espírita, que envolve não só o ensino de lições dos Evangelhos, mas sim de todo o conhecimento espírita, envolvendo ciência, filosofia e moral (veja item anterior). A idéia de evangelizar não só restringe como também distorce a estratégia espírita de aperfeiçoamento das pessoas, podendo levar à inadequada abordagem comportamental que citei acima. Esta forma de tratar as questões morais pode ser ainda mais fortemente prejudicial no caso do ensino de crianças, que viverão situações de vida certamente diferentes das imaginadas pelos educadores. Cabe a ele prepará-la, levando-a ao conhecimento e à reflexão sobre o Espiritismo.

3.3.3. Estudos para a juventude

Os jovens devem participar, tanto quanto possível das mesmas atividades que os adultos. Por opção, pode-se conceber reuniões de estudos para a juventude, visando incentivar sua auto-organização e permitir que imprimam métodos próprios às suas atividades.

3.3.4. Pesquisas

As atividades de pesquisa estão ligadas a todas as demais atividades do centro. No entanto, num processo inicial de reestruturação, podem ser criadas e utilizadas para dar base a mudanças a serem realizadas. Elas devem criar um vínculo entre o centro espírita e o desenvolvimento científico, tanto a nível conceitual quanto metodológico, sem subordinação ilógica a métodos e técnicas de outras

áreas científicas, que descaracterize as conquistas próprias do Espiritismo.⁹⁶

Segue-se uma descrição das principais tarefas envolvidas na atividade de pesquisa no centro espírita:

a) *Análise*, que compreende:

- a identificação do problema a ser pesquisado,
- o detalhamento de suas diversas variantes (formas diferentes em que se apresenta) e causas,
- a definição dos critérios para observação, interpretação e avaliação (no caso de uma pesquisa sobre cura, por exemplo, como serão observados e interpretados os resultados, e como podem ser avaliados e comparados?)

b) *Pesquisa bibliográfica*, com levantamento das principais contribuições da literatura sobre o tema em estudo incluindo os casos de pesquisas análogas — se existirem — relatados

c) *Sistematização*, cujo papel é o de consolidar o método, as técnicas e os instrumentos necessários para execução da pesquisa. O método espírita de pesquisa mediúnica foi proposto pelo próprio KARDEC,⁹⁷ mas a diversificação e a especificidade dos campos de atuação leva à necessidade de detalhamento do método kardequiano para cada uma das áreas pesquisadas, bem como a especificação de procedimentos adequados aos recursos existentes e às características dos grupos.

⁹⁶ J. Herculano PIRES. *Parapsicologia hoje e amanhã*. parte 2, cap. XV, p. 199-204.

⁹⁷ Allan KARDEC. Introdução - II - Autoridade da doutrina espírita. Em: —. *O evangelho segundo o Espiritismo*. p. 11-18.

—. Caracteres da revelação espírita. Em: —. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. I, itens 12-18, p. 15-18.

d) *Compilação e codificação*, que compreende:

- o registro das comunicações (planos executados, ações tomadas, resultados obtidos, recursos utilizados, pessoas e espíritos envolvidos, condições ambientais e outros dados considerados relevantes no método utilizado)
- a classificação dos registros para posterior pesquisa, avaliação e comparação.

É importante observar que essas tarefas se desenvolvem e se consolidam à medida que o trabalho cresce. Não é necessário estabelecer uma estrutura complexa como ponto de partida. Pelo contrário, o ponto de partida é a predisposição para olhar os fenômenos do dia-a-dia do centro como objetos de pesquisa e aprendizado: analisar, estudar, observar, interpretar, criticar e registrar.

Uma incógnita para o momento é o futuro dessa atividade nos centros reais e sua relação com as associações especializadas em pesquisas espíritas que tendem a se formar como uma reação à inércia dos grupos espíritas. Alguém sabe? Penso que o mais ponderado para o momento é imaginar que com o tempo cada um definirá o seu papel.

Entre as áreas de pesquisas que não têm recebido a devida atenção dos centros há algumas que podem ser melhor trabalhadas. Cito os seguintes exemplos prioritários, todos no campo da mediunidade: animismo, passes, terapia da obsessão, obsessão e loucura, curas, pesquisa básica (sobrevivência, Transcomunicação Instrumental) etc.⁹⁸

⁹⁸ Hernani Guimarães ANDRADE. *Morte, renascimento, evolução: uma biologia transcendental*.

3.3.5. *Divulgação do Espiritismo*

Essas reuniões podem ser utilizadas para divulgação do Espiritismo e dos trabalhos de pesquisas do centro.⁹⁹

3.4. CONCLUSÃO: estudos e pesquisas na revisão do centro espírita

A mudança de caráter dos centros espíritas tem nos estudos e pesquisas sua mola mestra. Se por um lado está na mediunidade a pedra de toque — podendo-se afirmar que só as alterações metodológicas da maneira como esse tema é tratado realmente caracterizariam um novo centro — cabe por outro lado ao trabalho de estruturação dos estudos e pesquisas espíritas no centro o papel de iniciar ou consolidar todo o processo de revisão.

Dar importância ao estudo não se resume a dedicar quinze minutos de cada reunião à leitura de um livro, como se fosse apenas uma atividade acessória. Trata-se de colocá-lo no centro do processo de estruturação e crescimento do centro, criando, avaliando e orientando as demais atividades.

No que se refere à pesquisa, em particular, cabe uma palavra sobre a documentação. O registro de planos, procedimentos e resultados é uma característica dos grupos de pesquisa sérios, que visam se aperfeiçoar sempre e ainda deixar sua contribuição.

A preparação de recursos humanos e a reunião de materiais adequados constituem-se nos dois melhores instrumentos para a colocação dos estudos e pesquisas como base do centro espírita.

⁹⁹ Jaci RÉGIS. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. *Anais*. p. 11.

Principais tarefas envolvidas na atividade de pesquisa no centro espírita:

- Análise;
- Pesquisa Bibliográfica;
- Sistematização;
- Compilação e Codificação.

Capítulo 4

O CENTRO ESPÍRITA E A SOCIEDADE

Todos os espíritas concordam que as relações entre o centro espírita e a sociedade são necessárias, mas em que forma? Recebendo as pessoas aflitas, aconselhando-as e curando-as? Assistindo a pobres? Salvando as almas? Divulgando o Espiritismo? Ou fazendo, por outro lado, campanhas para políticos espíritas? Penso que nenhuma dessas atividades resolve, por si só, a questão.

É certo que já existem hoje características marcantes nas relações sociais do centro espírita, entre elas:

- (1) a busca dos centros espíritas por pessoas de diversos matizes, geralmente à procura de um amparo às suas dores,
- (2) a assistência social realizada pelos espíritas,
- (3) a ligação dos médiuns com a comunidade, através dos serviços que prestam no centro ou nos atendimentos fora dele, e o reconhecimento do seu papel social.¹⁰⁰

Uma revisão dessas relações deve partir de uma reflexão sobre os seguintes pontos:

- (1) a necessidade de abandonar o proselitismo e o clientelismo, caracterizados sobretudo pela intenção de prender as pessoas ao centro (já abordados no capítulo 1),
- (2) a necessidade de estudar, acompanhar e discutir a evolução cultural e moral da sociedade, ao invés de simplesmente ignorá-la e se afastar dela,
- (3) a importância de estudar, formar uma visão crítica, buscar e propor caminhos reais para uma evolução da sociedade, sobretudo no que se refere a suas injustiças e desigualdades.

Existe uma falsa idéia de que a sociedade tem algo a buscar no centro e este nada tem a receber dela. Esse conceito, que aparece ora implícita, ora explicitamente, distorce e reduz a inserção social do centro. Uma coexistência viva e claramente assumida, uma troca bilateral ativa, uma busca em comum, são características desejáveis para uma revisão dessas relações.

4.1. DEFESA DO ESPIRITISMO

Defender o Espiritismo é — ainda — uma das tarefas principais do centro espírita. Há três preocupações nessa área: os ataques de adversários, as distorções geradas por muitos adeptos e as confusões que se fazem com outras doutrinas espiritualistas.

Quanto aos ataques, é certo que não vivemos mais o período que KARDEC identificou como “de luta”.¹⁰¹ No Brasil, onde a história também registra momentos difíceis para os espíritas, o respeito e reconhecimento social pelo Espiritismo são hoje inquestionáveis, a menos de setores

¹⁰⁰ J. Herculano PIRES. O centro espírita e a comunidade. Em: —. *O centro espírita*. cap. III, p. 18.

¹⁰¹ Allan KARDEC. Período de luta. Em: —. *Revista espírita*. v. 6, ano 1863.

mais reacionários ainda existentes em alguns meios religiosos. Há também uma crescente adesão a conceitos adotados pelo Espiritismo, como a imortalidade, a comunicabilidade dos espíritos e a reencarnação. Tudo isso faz com que hoje as relações com os adversários sejam outras. Não cabem mais os debates emocionais. Mas não procede, por outro lado, o descuido e a omissão. É de responsabilidade dos centros espíritas esclarecer a comunidade, sempre que possível, sobre os ataques, principalmente quando se baseiam em casos isolados de charlatanismo. Para José Herculano PIRES a defesa do Espiritismo não prescinde da energia e da virilidade:

"Propagou-se no meio espírita, através de mensagens mediúnicas, tendendo a um masoquismo de cilícios e auto-punições, a estranha idéia de que a virilidade só pertence aos cultores da violência. Voltamos assim ao sistema igreja dos rebanhos de ovelhinhas inocentes devoradas por lobos famintos sem qualquer possibilidade de defesa. Entregues a essa idéia derrotista, o meio espírita abastardou-se a ponto de até mesmo recusar-se a defender a Doutrina aviltada pela ignorância travestida de bondade e doçura."
102

As confusões que ainda existem entre Espiritismo e outras doutrinas precisam ser desfeitas. Uma contribuição importante à elucidação dessa questão foi dada por Deolindo Amorim em sua obra *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*,¹⁰³ onde mostra as diferenças entre o Espiritismo e doutrinas com os quais chega a ser confundido, tais como a umbanda, o candomblé e a cabala. Entendo que a principal diferença é metodológica, embora haja também diferenças conceituais importantes. O centro se firma como espírita não só por adotar as obras de Allan

KARDEC, mas sobretudo por assumir sua metodologia de abordagem das diversas questões.

As distorções geradas no âmbito do próprio movimento espírita merecem atenção especial. São as que têm causado maiores prejuízos. O centro espírita comprometido metodológica e conceitualmente com o Espiritismo age em sentido contrário a essas distorções e realiza, desta forma, a maior entre todas as tarefas de defesa social da doutrina.

4.2. O CENTRO ESPÍRITA PARA O HOMEM¹⁰⁴

O Espiritismo rompe com as doutrinas que vendem a salvação depois da morte. Não promete nada, não sugere adesão involuntária, não se mostra como único caminho. Oferece a sua luz sem pedir subordinação, substitui a obediência cega pela atuação consciente e entrega a cada um a responsabilidade pela própria vida. Liberta o homem.

A liberdade que o Espiritismo oferece é baseada no conhecimento. Compreendendo o significado da vida e a verdadeira natureza de si mesmo, o homem começa a dar passos seguros, deixa de ser joguete das circunstâncias e traça o seu próprio caminho.

É claro que isso não é uma receita de liberdade, pois cada um que se encontrar com o Espiritismo reagirá a seu modo. Uns darão mais voltas, hesitarão mais, serão mais vagarosos ou passarão por maiores conflitos, enquanto outros encontrarão com maior facilidade seus próprios caminhos de libertação. Mas para todos o Espiritismo traz

¹⁰² J. Herculano PIRES. *O centro espírita*. p. 21.

¹⁰³ Deolindo AMORIM. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*.

¹⁰⁴ Este texto é uma adaptação de outro escrito em 1986, que faz parte do artigo: Mauro de Mesquita SPINOLA. O centro espírita e a sociedade. Em: Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. p. 59-66.

a liberdade em potencial. Cada um que o aproveite a seu modo.

O centro espírita é a casa do Espiritismo e deverá canalizar o potencial libertador da doutrina. Para conseguir isso, deverá antes de tudo ver as pessoas como indivíduos diferentes entre si, com capacidades morais-intelectuais, anseios, preocupações e problemas diferentes. Ao contrário do que fazem os templos religiosos, o centro espírita não pode se propor a uma massificação de idéias e comportamentos. Cabe a ele manter, é bem verdade, um certo zelo com a doutrina, defendendo sua autenticidade, seu caráter racional, e evitando desvios, infiltrações ou distorções, mas não é possível conceber um centro realmente espírita que distribua a todos uma interpretação particular do Espiritismo. Estaria boicotando a doutrina, desviando os objetivos do grupo e escravizando as pessoas.

O Espiritismo visa o homem. O centro espírita é um dos meios de atingi-lo. O homem do centro espírita transformará a si mesmo e à sociedade se tiver o Espiritismo como instrumento. Se o centro espírita inverte essa relação, isolando-se da vida real e exigindo do homem que abandone seu mundo, está traindo os próprios objetivos do Espiritismo. A “paz” que oferece, “não encontrada lá fora”, é uma versão disfarçada da fuga que incentiva. Não vai contribuir para construir ou libertar nada.

O centro espírita é feito para o homem, não o contrário. O homem do centro espírita vai ver o seu dia-a-dia como a continuidade de um movimentado processo evolutivo. Passará a compreender o significado revolucionário da imortalidade e o verdadeiro sentido da vida que vive. Compreenderá as relações entre os mundos material e espiritual, as mudanças de estado entre encarnação e desencarnação e as influências mútuas entre o livre arbítrio e a

lei de causa e efeito. Entenderá o caráter transitório da vida atual, que não pode ser analisada fora do contexto da eternidade, mas ao mesmo tempo valorizará esta vida. Afinal, dentro do vai-e-vem da evolução, que momento não é importante?

O homem do centro espírita valoriza o momento em que vive porque sabe que a vida não é uma farsa. Tudo que está aprendendo e realizando é fundamental. Compreende e valoriza a vida após a morte, mas não vive em função dela, pois sabe que o entendimento das relações entre as vidas atual e futura só tem significado se contribuir para entender a realidade de sua existência atual. O momento que vive é, para ele, enquanto vive, o mais importante, pois é quando está preparando, ou realizando, a grande arrancada.

4.3. A SOCIEDADE COMO TEMA DE ESTUDO

A sociedade é um dos mais importantes e interessantes objetos de estudos e pesquisas no centro espírita. Marginalizados na maioria dos grupos, devido à tradição politicamente conservadora do movimento, os temas sociais tendem a encontrar seu lugar nos estudos à medida que a própria sociedade se democratiza.

Tem sido até agora com certa dificuldade que algumas pessoas ou grupos têm tentado trazer para o movimento espírita um estudo e uma discussão mais aberta da sociedade e seus problemas, à luz do Espiritismo. Nos anos 80, por exemplo, alguns encontros de jovens do Estado de São Paulo se propuseram a debater a questão social e foram fortemente criticados por isso. O mesmo aconteceu com o **ENSASDE - Encontro Nacional sobre o Aspecto Social da Doutrina Espírita**, realizado em 1985 (Santos), 1987

(São Paulo) e 1989 (Salvador). Reunidos nesses encontros exclusivamente para analisar a questão social, diversos espíritas produziram extenso material de pesquisa e abriram espaço para uma maior abertura a essa temática nos centros espíritas.

A posição de KARDEC em relação a isso é claríssima. Chega a sugerir que sejam discutidas as matérias dos jornais:

*"A par das obras especiais, formigam os jornais repletos de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de rasgos de virtudes e de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução só o Espiritismo pode apresentar, constituindo isso ainda um meio de se provar que ele se prende a todos os ramos da ordem social."*¹⁰⁵

O próprio *O livro dos espíritos* apresenta, na sua terceira parte, um estudo vigoroso das leis morais, que tocam em vários aspectos da vida social, tais como a distribuição de riquezas, a liberdade, a justiça, a família, o trabalho e outros.¹⁰⁶ Um estudo sério dessa parte do livro básico do Espiritismo não prescinde da reflexão e do debate social, bem como da busca de caminhos para os homens, para a comunidade em que vivem e para a sociedade como um todo. Nesse sentido uma contribuição importante foi dada por Aylton PAIVA com seu livro *Espiritismo e política*,¹⁰⁷ onde encontramos um estudo das leis morais sob o enfoque da análise social e política.

O estudo espírita da sociedade se baseia em dois conceitos fundamentais:

- (1) o homem é um espírito encarnado, e vive em cada momento toda a sua história espiritual,

¹⁰⁵ Allan KARDEC. Assuntos de estudo. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX, item 347, p. 431-432.

¹⁰⁶ —. As leis morais. Em: —. *O livro dos espíritos*. parte III, p. 305-426.

¹⁰⁷ Aylton Guido Coimbra PAIVA. *Espiritismo e política*.

- (2) as relações que estabelece condicionam em grande parte o seu desenvolvimento.

Para entender o homem e a sociedade não é suficiente enxergá-lo como indivíduo em evolução espiritual, pois o homem não é apenas um produto de si mesmo, da mesma forma que a sociedade não é apenas uma soma ponderada de homens. Também grosseira seria a redução do homem a um produto do meio.

Tratar abertamente da temática social e política nos centros espíritas, como proponho, é uma atitude que ainda encontra resistências. Os dirigentes adotam em geral uma interpretação conservadora da doutrina, baseando-se num suposto caráter “apolítico” do Espiritismo e dos centros. Autores conceituados também fazem coro. É um engano, pelo simples motivo de que não há conceito, atitude, grupo ou pessoa apolítica. Não discutir política, por exemplo, é uma atitude política, no sentido de que evita a reflexão sobre todo um conjunto de problemas do homem e da sociedade, como se fossem irrelevantes.

O grande pensador espírita argentino Manuel PORTEIRO deixa muito claro que o Espiritismo não pode ser um instrumento de convivência com a injustiça:

"Dedicando o Espiritismo a resolver somente problemas metafísicos, próprios da velha escolástica, somente à investigação do além-túmulo, preso à velha moral das religiões, que ensina a respeitar falsos direitos e injustos privilégios, como coisas absolutamente necessárias e de acordo com a justiça divina e causalidade moral de cada ser, perde seu caráter de ciência integral e progressiva e, em vez de ser um ideal humano, propulsor do progresso e das causas nobres, aberto a toda iniciativa de bem-estar social, a toda tendência renovadora e libertária, torna-se, em mãos de espíritos limitados, numa doutrina retrógrada e conservadora, numa arma formidável para abater consciências e conter todo impulso generoso que tenda a estabelecer um no-

vo regime social, mais justo e conforme as exigências do progresso." ¹⁰⁸

4.4. ATUAÇÃO SOCIAL

A conscientização não tem um fim em si mesma. Visa relacionar a teoria com a prática, a idéia com a realidade. Se o centro espírita der ao homem a chance de conhecer o Espiritismo e se conscientizar de seu papel individual, estará também contribuindo para a ação. Para KARDEC a conscientização é decisiva:

"A aspiração por uma ordem superior de coisas é indício da possibilidade de atingi-la. Cabe aos homens progressistas ativar esse movimento pelo estudo e a aplicação dos meios mais eficazes." ¹⁰⁹

Realmente, a atuação social consciente e determinada é uma consequência natural do estudo da sociedade. E é também uma forma de buscar na realidade social vigentes subsídios para esses estudos.

Em que termos essa atuação pode ser feita pelos espíritas individualmente e pelos centros como grupos? Aqui, mais uma vez, não cabem regras, mas quero discutir essa questão.

Cabe aos homens conscientes, cada um a seu modo, contribuir para que a sociedade progrida, não simplesmente "fazendo a sua parte", mas buscando influenciar para que novos e cada vez melhores rumos sejam traçados. Apenas um exemplo: na ótica espírita a educação de boa qualidade é uma condição importante para o progresso material e espiritual. Os pais espíritas são orientados nos centros a valorizarem a educação. A luta por uma melhoria

na educação pública, que não é uma preocupação só dos espíritas, passa a ser também um desafio para esses pais, juntamente com muitos outros.

No plano individual não cabe colocar limites aos campos de atuação. Deixando a apatia e a passividade de lado, cada um vai buscar seus campos e formas próprias, de acordo com o que sabe e busca. Isso tem relação com uma posição de KARDEC em *O livro dos espíritos*:

"Por que, no mundo, os maus, tão freqüentemente, sobrepujam os bons em influência?"

- Pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem dominarão." ¹¹⁰

Em relação à atuação social do centro espírita, como grupo, é necessário ter alguns cuidados:

- (1) Lembrar sempre que o compromisso primeiro do centro espírita é com o Espiritismo, ou seja, a difusão e o desenvolvimento da doutrina. Engajar diretamente o centro nas lutas sociais só tem sentido se não forem esquecidas as áreas próprias da doutrina.
- (2) As preocupações com o poder temporal, inevitáveis nas lutas sociais, podem ofuscar os objetivos maiores a que o Espiritismo se propõe em relação ao homem e à própria sociedade.
- (3) A política partidária, com suas campanhas eleitorais e interesses contrastantes de partidos e pessoas, poderá, em momentos de descuido, engajar o centro espírita em interesses outros que nada têm a ver com o Espiritismo.

¹⁰⁸ Manuel S. PORTEIRO. *Espiritismo dialético*. p. 57.

¹⁰⁹ Allan KARDEC. *Liberdade, igualdade e fraternidade*. Em: —. *Obras póstumas*. parte I, p. 193.

¹¹⁰ —. *Felicidade e infelicidade relativas*. Em: —. *O livro dos espíritos*. parte IV, cap. I, questão 932, p. 431-432.

Havendo equilíbrio e firmeza doutrinária, tenho certeza de que nenhum desses prejuízos ocorrerá.

Qualquer que seja a forma e o grau de atuação de cada um, espíritas e grupos espíritas — tanto quanto o próprio Espiritismo — possuem um compromisso com a vida, a cidadania e a democracia. A luta pela valorização do homem como ser integral e pela construção de uma sociedade para todos é tarefa também dos espíritas.

4.5. O CENTRO ESPÍRITA E A COMUNIDADE

É sobretudo através da assistência social e espiritual que o centro espírita tem marcado sua presença na comunidade. Já expus os motivos pelos quais considero que num processo de revisão a tônica maior das atividades do centro deverá ser a difusão e o desenvolvimento do Espiritismo.

Em relação à comunidade a divulgação do Espiritismo pode ser feita de várias formas: eventos culturais, feiras de livros, programas de rádio e TV, jornais, revistas, editoras e publicações diversas.

Além das atividades voltadas para a divulgação do Espiritismo há também outras formas possíveis de participação e abertura do centro espírita à comunidade. Eis algumas delas:

- a) a própria assistência social, que pode contar com a participação conjunta de pessoas não espíritas,
- b) a abertura da biblioteca do centro para a comunidade, tornando-a uma biblioteca pública,
- c) a realização conjunta de atividades de interesse comum com as associações organizadas da comunidade,

- d) a organização ou a cessão de espaço para a realização de cursos diversos,
- e) a promoção de eventos e a criação de espaço para o desenvolvimento de atividades culturais.

Algumas dessas atividades, além de outras mais, podem contribuir para a própria manutenção da sede do centro, muitas vezes um pesado ônus para seus sócios.

4.6. CONCLUSÃO: para ser um remo

A tradicional apatia do centro espírita em relação à organização social tende a desaparecer. O homem moderno não se conforma mais com conceitos abstratos de “bem”, “mal”, “amor” e “caridade”, busca o que realmente significam. Abrindo as suas portas para a sociedade, com seus problemas, angústias e anseios, o centro espírita talvez deixe de ser uma ilha de tranquilidade no mar tempestuoso para ser o remo que faltava ao navegador.

“Dedicando o Espiritismo a resolver somente problemas metafísicos, próprios da velha escolástica, somente à investigação do além-túmulo, preso à velha moral das religiões, que ensina a respeitar falsos direitos e injustos privilégios, como coisas absolutamente necessárias e de acordo com a justiça divina e causalidade moral de cada ser, perde seu caráter de ciência integral e progressiva e, em vez de ser um ideal humano, propulsor do progresso e das causas nobres, aberto a toda iniciativa de bem-estar social, a toda tendência renovadora e libertária, torna-se, em mãos de espíritos limitados, numa doutrina retrógrada e conservadora, numa arma formidável para abater consciências e conter todo impulso generoso que tenda a estabelecer um novo regime social, mais justo e conforme as exigências do progresso.”¹¹¹

Manuel S. PORTEIRO (1881-1936)

¹¹¹ Manuel S. PORTEIRO. *Espiritismo Dialéctico*. pág. 57

Capítulo 5 O PODER NO CENTRO ESPÍRITA

No modelo que apresentei no capítulo 1, ressaltei a importância de não existir no centro hierarquia estática e restritiva. A manutenção de pessoas ou grupos por períodos longos no poder é uma causa freqüente de cristalização de idéias e criação de mecanismos de defesa do poder já estabelecido. Aquele modelo deixa bastante claro também que é dos homens a responsabilidade pela definição dos rumos do centro, não dos espíritos.

5.1. MANDATOS DIVINOS

A principal causa da centralização de poder no centro espírita tem sido a alegação de existência de mandato conferido pela “espiritualidade superior”. Dirigentes, médiuns e espíritos, em geral visando o melhor para suas casas espíritas, acabam por estabelecer critérios e procedimentos de fechamento do poder. O periódico espírita *Espiritismo e Unificação* realizou um estudo sobre o poder no movimento espírita que identifica esse problema:

“Nos nossos meios, a revelação mediúnica tem sido usada como instrumento para avaliar ou determinar um tipo de mandato divino, seja ele circunscrito a um centro, a um médium ou dirigente, seja, em maior amplitude, através de determinadas organizações federativas. Todos alegam

possuir um certo poder divino, que lhes teria sido dado pela Espiritualidade Superior.

"A ignorância generalizada do Espiritismo, mesmo nos meios mais dinâmicos, voltados, quase sempre, para o fator místico, se traduz no fascínio que a mediunidade exerce. Sem dúvida, esse fascínio é uma clara aceção de Poder. O médium, nos nossos meios, extravasa o sentido de mediano, de intercomunicador, para se transformar em autoridade, capaz de dominar não somente um núcleo específico, mas projetar-se por toda a coletividade. Um exemplo típico é que certos médiuns se transformam em oráculos e muitos nada fazem sem consultá-los e suas opiniões já não são analisadas, mas ao contrário são ordenações infalíveis.

"Por isso identificamos o Poder clássico fluir, sem esforço, no médium-principal, que aconselha e dita ordens como verdades irrecorríveis; podemos constatá-lo no Guia Espiritual que domina grupos, não permitindo iniciativas dos encarnados; ou verificamos no presidente perpétuo, no "dono do centro".¹¹²

Médiuns, dirigentes e espíritos assumem muitas vezes papéis messiânicos e de infundada autoridade nos centros, sem que haja qualquer motivo para se atribuir a eles rótulos diferenciadores. Em momentos de divergência ou discordância, invocam sua autoridade divina para impor suas posições. É bem verdade que essas são atitudes humanas compreensíveis, mas é necessário que a estrutura do centro não as incentive.

Médiuns, dirigentes e espíritos possuem papéis relevantes no centro, é importante frisar. O que deve ser evitado é o seu endeusamento, a mistificação e o engrande-

cimento imotivado de suas funções, que prejudicam a eles e ao grupo. É indissociável a posição desconfortável dos dirigentes e dos médiuns-principais que a todos têm que amparar, aconselhar, e em todos os momentos têm que apresentar as soluções finais para cada assunto. Uma situação que eles, juntamente com seus seguidores, criaram.

Não pode ser esquecido também que o poder existe, sendo um espaço a ser ocupado. É sempre possível identificar, numa estrutura de poder centralizado, aquele ou aqueles que o exercem, por um lado, e aqueles que, apaticamente, se permitem ficar longe dele. Alguns até reclamam, mas não ocupam seu espaço. Seria muito difícil nesses casos identificar nos "vilões autocráticos" a causa única da centralização. Por trás de um dono de centro existe muitas vezes uma história de dedicação e luta solitária por uma causa.

5.2. CRITÉRIOS PARA ABERTURA

Num processo de abertura à participação é fundamental que os princípios espíritas e os objetivos básicos do centro sejam respeitados. Aqueles que não o conhecem ou que ainda não mostraram condições para aplicá-los não estão preparados para assumir funções relevantes. Um caso que presenciei em São José dos Campos ilustra a importância desse cuidado: um grupo numeroso de frequentadores de um centro de umbanda da cidade começou a frequentar um centro espírita, por recomendação de seu guia, que disse que deveriam conhecer Allan KARDEC. Logo se tornaram sócios e, por discordarem de alguns procedimentos da direção lançaram uma chapa de oposição. Venceram as eleições seguintes.

¹¹² O PODER e o movimento espírita. p. 5-6.
Os termos "médium principal" e "dono do centro" designam, respectivamente, o médium supostamente mais importante no centro (incumbido, geralmente, de receber as comunicações do espírito orientador — guia — do grupo) e o dirigente que ocupa continuamente as funções de presidente e coordenador das atividades da casa. Essas figuras existem, sob diversas formas, em vários grupos.

Existem mecanismos inerciais utilizados por vários grupos espíritas para evitar essas situações. Um exemplo é a criação de um quadro de sócios efetivos, no qual só ingressam sócios que freqüentam a sociedade há um certo tempo e que demonstram seu conhecimento do Espiritismo. Esses sócios, e só eles, participam das Assembléias, podendo eleger e ser eleitos a cargos da diretoria.

Na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* havia restrições à participação, só sendo aceitos aqueles que demonstravam conhecer os princípios básicos do Espiritismo ou que desejavam se instruir, entre outras exigências. Além disso reservava-se o direito de limitar, se conveniente, o número de associados livres e dos sócios titulares.¹¹³

5.3. CONCLUSÃO: O CENTRO DE TODOS

Para aperfeiçoar e democratizar as relações entre as pessoas no centro espírita deve-se partir da constatação de que o poder é um elemento real e necessário nos diversos grupos e instituições, não podendo ser diferente nos centros.

A criação de um centro espírita aberto e dinâmico, com ampla liberdade de crescimento, é um desafio para todos os seus participantes. É sobretudo nessa área que se torna importante a preparação sistemática de recursos humanos. Aos poucos os interessados vão se preparando para dar maiores vãos, dentro de suas características.

As relações de poder serão tratadas também no próximo capítulo, que enfoca o movimento espírita.

¹¹³ Allan KARDEC. Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em: —. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXX, artigos 3º e 6º, p. 436-437.

Capítulo 6

INTEGRAÇÃO ENTRE CENTROS ESPÍRITAS

integrar sem interferir na individualidade de cada grupo. Reunir para intercâmbio de idéias e informações. Realizar atividades voltadas para objetivos comuns. Estes são os principais objetivos da integração entre centros espíritas. Apesar de ser indiscutível sua necessidade, a integração entre centros ainda busca seu caminho de realização. É que também aqui pesam as relações de poder, e num grau muito maior.

6.1. INTEGRAÇÃO: UMA NECESSIDADE

Na *Revista espírita* de janeiro de 1862, Allan KARDEC convidou os grupos espíritas a participarem do desenvolvimento da doutrina, através de três textos:¹¹⁴

- (1) “*Publicidade das comunicações mediúnicas*”, em que discute as alternativas para publicação do número cada vez maior de comunicações e referenda a criação da “*Biblioteca do mundo invisível*” pelos Srs. Didier & Cia., com essa finalidade,

¹¹⁴ —. Publicidade das comunicações espíritas. Controle do ensino espírita. Questões e problemas propostos aos vários grupos espíritas. Em: —. *Revista espírita*. v. 5, ano 1862, p. 11-20.

- (2) “*Controle do ensino espírita*”, no qual apresenta a conformidade do ensino dos espíritos como o melhor critério para garantir sua autoridade e informa que a Sociedade de Paris encaminhará a partir daquela data diversas questões doutrinárias para serem estudadas pelos grupos que com ela se correspondem, por correspondência particular ou por intermédio da *Revista*,
- (3) “*Questões e problemas propostos aos vários grupos espíritas*”, com seis questões a serem estudadas e discutidas, sempre baseadas em comunicações de espíritos, uma delas com a incrível afirmação de que “*nenhum Espírito humano pode manifestar-se ou comunicar-se com os homens*”.

Estava dada então a tônica da integração que desejava para os grupos e o tipo de participação que cada um poderia ter: caberia a cada um deles contribuir para que as questões em aberto fossem resolvidas. Posteriormente, em dezembro de 1868, apresentou na própria *Revista* a “*Constituição transitória do Espiritismo*”, com proposta de continuidade do Espiritismo e criação de um comitê central de coordenação.¹¹⁵

Começo com essas lembranças para ressaltar um ponto que se perdeu no movimento espírita brasileiro. Em geral, quando se fala em movimento espírita, integração ou unificação, esquece-se o desenvolvimento do Espiritismo, através da pesquisa e do intercâmbio de informações, possivelmente a principal contribuição que se poderia tirar

¹¹⁵ —. Constituição transitória do Espiritismo. Em: *Ibid.*, v. 11, ano 1868, p. 367-392. O mesmo texto, ampliado, pode ser encontrado em: —. Constituição do Espiritismo - exposição de motivos. Em: —. *Obras Póstumas*. parte 2, p. 288-319.

dessa união. E era exatamente essa a maior preocupação de KARDEC.

É sobretudo nesse sentido que a integração se faz necessária. Mas ela pode trazer outras contribuições, como o aperfeiçoamento dos próprios centros a partir do intercâmbio que estabelecem. Um grupo espírita que mantenha contato com outros que têm objetivos análogos terá sempre material para aperfeiçoar seu conhecimento, seus métodos e seus resultados.

Esse é o pano de fundo. Sem ele o movimento espírita se torna fórum para questões menores e palco para disputas de poder.

6.2. O MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO: PARA A FRENTE E PARA TRÁS

O movimento de unificação entre centros espíritas tem realizado progressos em termos de aproximação com os objetivos do Espiritismo, como já citei em “*Eventos de renovação*”, no capítulo 1. Mas tem, por outro lado, protagonizado grandes desvios e patrocinado longos períodos de estagnação. Por trás da busca de entendimento cria-se uma luta de idéias e os grupos hegemônicos criam mecanismos de manutenção de poder.

Mais uma vez os mandatos divinos são utilizados como instrumentos de poder. A **Federação Espírita Brasileira** (FEB) é um exemplo de entidade que considera que realiza missão conferida pela espiritualidade superior. Atualmente se autodenomina Casa Mãter do Espiritismo (antes se cognominava Casa Mãter do Espiritismo no Brasil) e tem como guia o “Anjo” Ismael, que seria também o coordenador espiritual do Brasil. As distorções que impõe, como a defesa e divulgação das obras de ROUSTAING, que

apresentam frontais contradições com conceitos básicos do Espiritismo, resistem apesar das fortes reações em contrário por parte de setores mais conscientes. As outras entidades federativas e de unificação seguem, em geral a mesma linha.

Algumas entidades buscaram estabelecer um sistema mais democrático em seus estatutos, mas não deixaram de viver momentos constrangedores para sua história. No ano de 1988 uma delas, a **União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo** (USE), em atitude inédita na sua história, convidou, sutilmente, as sociedades espíritas que não concordavam com o triplice aspecto do Espiritismo, para se desligarem. Segue-se a citação do trecho capital do documento aprovado pelo Conselho Deliberativo Estadual:

"Finalmente, cumpre esclarecer que, em decorrência dos fatos relatados e ocorridos, as Sociedades Unidas que estiverem EM DESACORDO com o Estatuto vigente da USE, têm a mais ampla liberdade de optarem, de maneira fraterna, por outros caminhos.

"Assim sendo, aquelas Sociedades que desejarem, poderão solicitar o seu desligamento por não concordarem com seu Estatuto, bem como, a qualquer instante, poderão solicitar o retorno ao quadro de Sociedades Unidas quando os princípios adotados forem os mesmos da USE, os quais só serão alterados quando democraticamente a MAIORIA USEANA assim o desejar."¹¹⁶

Esse episódio encerrou um tumultuado processo que teve na discussão da questão religiosa seu tema principal e como pano de fundo a disputa pelo poder na USE. Pelo menos uma lição trouxe para todos: é um erro pensar numa unificação geral dos centros espíritas. Há diferenças

¹¹⁶ UNIÃO das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. *Relatório da comissão nomeada pelo CDE da USE, em 13 de setembro de 1987, para apurar denúncias feitas contra a UME de Santos.*

difícilmente superáveis a curto prazo. E poucos querem superá-las. Pode-se dizer que a convivência com a divergência de idéias é possivelmente a maior dificuldade do movimento de unificação. Busco mais uma vez em KARDEC um critério para a busca de caminhos em comum:

*"A imobilidade, em lugar de ser uma força, torna-se causa de fraqueza e ruína para os que não seguem o movimento geral. Rompe a unidade, porque os que desejam ir para a frente separam-se dos que se obstinam em ficar para trás. Entretanto, embora seguindo o movimento progressista, é mister fazê-lo com prudência e evitar entregar-se às cegas aos devaneios, utopias e novos sistemas. Importa fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde e com conhecimento de causa."*¹¹⁷

6.3. CONCLUSÃO: CAMINHOS QUE SE ABREM PARA UMA INTEGRAÇÃO REAL

Os grupos espíritas tendem a se diversificar cada vez mais. A integração entre eles não poderá ser suportada mais por uma sistemática massificante e de caráter global. Uns buscarão intercâmbio para seus estudos e pesquisas, outros organizarão cursos de preparação. Outros ainda, trocarão idéias sobre formas de aplicar o passe e de realizar a assistência social. As grandes instituições unificacionistas poderão manter o seu papel se aprenderem a conviver com a divergência e buscar o que há de comum. Mas independentemente delas, os grupos procurarão cada vez mais seus pares para com eles crescer. Ao contrário do que muitos pensam, pode estar aí o caminho de libertação do Espiritismo, pois ele não pertence a nenhuma dessas instituições.

¹¹⁷ Allan KARDEC. Constituição transitória do Espiritismo: III - Dos cismas. Em: —. *Revista espírita*. v. 11, ano 1868, p. 375-376.

Desenho esquemático da estrutura de um centro espírita¹¹⁸

¹¹⁸ Esquema idealizado por Mauro de Mesquita Spinola e confeccionado eletronicamente por Magda Selvero Salomão.

CONCLUSÃO

Para que realizar uma revisão estrutural do centro espírita? O primeiro e grande motivo para revisar é adequar o centro espírita à sua finalidade maior: estudar, pesquisar, desenvolver, consolidar e difundir o Espiritismo, tendo como base a obra de Allan KARDEC. Mais do que um simples pano de fundo, mais do que uma motivação ou orientação, o Espiritismo precisa ser o objetivo primeiro do centro espírita, já que este é a casa daquele. O Espiritismo é ao mesmo tempo a base e meta do centro espírita. Como base, direciona e dá subsídios para a estruturação das diversas atividades. Como meta, estabelece parâmetros para definir quais são as atividades que permitem ao centro melhor contribuir com o Espiritismo, sem desviar os seus esforços para outros objetivos.

Busquei neste trabalho apresentar a base conceitual e os meios para a realização desta tarefa. Sintetizo agora, de forma mais sistemática e objetiva, algumas propostas para implementação das melhorias necessárias.

A BASE CONCEITUAL JÁ EXISTE

A base conceitual do centro espírita — o Espiritismo — foi desenvolvida inicialmente por Allan KARDEC. Além de nos apresentar informações sobre o mundo dos espíri-

tos e a discussão filosófica das diversas conseqüências da imortalidade e da reencarnação, a sua obra nos forneceu um método de trabalho.¹¹⁹ É sobretudo neste método que está baseado o centro espírita. Adotando-o, o centro torna-se porta voz, duplicador e continuador do trabalho de KARDEC.

Não é espírita o centro que:

- não tem por base a obra de Kardec;
- não utiliza o método de KARDEC no trato da mediunidade;
- utiliza conceitos e métodos que confrontam com as propostas de Kardec.

O MODELO PROPOSTO SERVE DE BASE PARA A REESTRUTURAÇÃO

O modelo conceitual apresentado no capítulo 1 é simples o suficiente para se adaptar a diferenças e transformações culturais, mas oferece restrições à manutenção de conceitos, estruturas, métodos e costumes ainda vigentes nos centros espíritas. Exige uma revisão estrutural que priorize o compromisso com o Espiritismo e a libertação de estruturas arcaicas de poder. A discussão crítica e contínua da estrutura necessária para implementar e consolidar este modelo num centro espírita pode contribuir para que seja estabelecido um caminho seguro e direcionado para o aprimoramento.

¹¹⁹ —. Introdução - II - Autoridade da doutrina espírita. Em: —. *O evangelho segundo o Espiritismo*. p. 11-18.

—. Caracteres da revelação espírita. Em: —. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. cap. I, itens 12-18, p. 15-18.

UMA OPÇÃO DIFERENTE

Como foi visto no capítulo 1, é grande a variedade de faces dos grupos que se autodenominam espíritas. Assim sendo, a opção estritamente espírita — sem desvios doutrinários e sem outros objetivos que dispersem as ações perdendo o foco principal — pode ser vista como uma opção “diferente”. Sem dúvida, poderá ser considerado diferente da maioria o centro espírita que:

- tem no estudo a sua base; (v. capítulo 3 deste livro)
- realiza pesquisa espírita; (cap. 3)
- aplica o método de KARDEC no trato com a mediunidade; (cap. 2)
- não distribui passes “à granel” em todas as suas reuniões; (cap. 2)
- não trata qualquer pessoa que procura o centro como doente, e não a encaminha desde o início para uma “entrevista” e um tratamento espiritual; (cap. 2)
- apresenta-se como uma casa de estudos e não como um hospital; evita dizer, logo no primeiro contato com uma pessoa que procura o centro, que ela “é médium e precisa desenvolver a mediunidade para se livrar de suas perturbações”; (cap. 2)
- está voltado para o homem e não obriga o homem a estar voltado para o centro, como se este fosse um fim em si mesmo (cap. 4)
- discute abertamente a contribuição do Espiritismo nos diversos temas que afetam o homem moderno; contextualiza o estudo espírita; (cap. 4)

- é dirigido por um grupo representativo de pessoas; não é dirigido por espíritos ou pelos médiuns que transmitem suas orientações; (cap. 5)
- comunica-se, troca idéias e integra-se com outros grupos, mas propõe a integração como instrumento de crescimento do Espiritismo; (cap. 6)
- na integração com outros grupos não se subordina a idéias e práticas massificantes (não focadas nos objetivos principais do Espiritismo e do centro espírita), luta contra as distorções e a inércia. (cap. 6)

O centro que adota esta opção poderá ser único num bairro ou mesmo numa cidade, às vezes isolado, sem ter com quem trocar idéias. É fundamental evitar este isolamento, aproximando-se e mantendo contato contínuo com grupos afins, mesmo que geograficamente distantes. Poderá ter menos freqüentadores que os demais da região e alguns de seus freqüentadores, que prefeririam vê-lo recebendo muitas pessoas, talvez questionem. Poderá ser acusado de não praticar a caridade e tudo o mais, mas estará oferecendo um produto diferenciado: o Espiritismo. E esta certeza basta.

POR ONDE COMEÇAR?

Esta dúvida pode aparecer. Tanto há para fazer que não se sabe como planejar, iniciar e conduzir um processo de revisão estrutural. Para responder a esta questão podemos fazer analogia à tarefa de subir uma grande escada: o que temos a fazer é começar, dar o primeiro passo. Temos a direção a seguir (os conceitos espíritas) e possuímos ins-

trumentos poderosos (livros, pessoas, grupos afins para trocarmos idéias). Portanto, só temos que começar.

Qual é o objetivo do centro espírita? Esta é a primeira questão a ser respondida por todo grupo espírita que desejar iniciar ou rever suas atividades. A partir dessa reflexão será possível criar, desenvolver, excluir, modificar ou aperfeiçoar as diversas atividades, para que se adequem aos objetivos estabelecidos. Um critério é básico para todas: que firmem o compromisso do centro com o desenvolvimento, a aplicação e a divulgação do Espiritismo.

É claro que não há um único caminho. Busquei identificar neste livro os principais critérios para realizar este trabalho. Citei também as principais referências encontradas na literatura sobre o assunto. Mas o caminho propriamente dito depende das características e da estratégia de cada centro. Rediscutidos os objetivos, o processo se desdobra de forma planejada.¹²⁰

Uma atividade que passa a ser fundamental é a gestão do processo de estruturação, que garantirá a sua implementação. Para realizá-la, podem ser obtidas algumas lições dos estudos de organização de empresas, que costumam trabalhar com objetivos, métodos e resultados precisos. Muitos estudos e experiências sobre a Gestão da Qualidade Total aplicados em diversas organizações fabris e de serviços no mundo todo podem também ser aproveita-

¹²⁰ Os textos de KARDEC que apresentam de maneira mais objetiva as diretrizes para a estruturação do centro espírita são “Das reuniões e das sociedades” e “Regulamento da sociedade parisiense de estudos espíritas”, ambos de *O livro dos médiuns*: Allan KARDEC. *O livro dos médiuns*. parte 2, cap. XXIX e XXX, p. 413-444.

dos na gestão do centro espírita, aplicando-se de acordo com os objetivos específicos a que se propõe o centro.¹²¹

Os elementos básicos a serem considerados para a implantação são apresentados a seguir:

ELEMENTOS BÁSICOS DO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA	
1	Definição de objetivos claros para a (re)estruturação
2	Estabelecimento de uma estrutura organizacional e de atividades que envolva as diversas pessoas
3	Treinamento e educação
4	Atividades de promoção do processo de (re)estruturação
5	Acompanhamento e avaliação

1. *Definição de objetivos claros para a (re)estruturação.* Todos os participantes ativos participam de sua definição e todas as pessoas que frequentam ou têm contato com o centro conhecem os objetivos. A partir dos objetivos gerais (longo prazo) derivam-se as metas de médio e curto prazo a serem atingidas. Estabelecem-se também os meios e critérios para realizar avaliações periódicas dos resultados.
2. *Estabelecimento de uma estrutura organizacional e de atividades que envolva as diversas pessoas.* As pessoas ajudam a planejar e mobilizar a implementação da (re)estruturação. É necessário romper com estruturas estáticas, baseadas exclusivamente em funções fixas (presidente, secretário, diretor de doutrina etc.) para permitir um envolvimento das pessoas de acordo com as atividades a serem realizadas. As atividades são definidas, por sua vez, de a-

¹²¹ Jeremy MAIN. *Guerras pela qualidade: os sucessos e fracassos da revolução da qualidade*. Trad. Outras Palavras Consultoria Linguística. Rio de Janeiro, Campus, 1994.

Alberto GALGANO. *Calidad total*. p. 373-388.

Shoji SHIBA e outros. *A new american TQM*. p. 461-501.

cordo com as metas a serem alcançadas. É fundamental que as atividades não dependam de pessoas específicas para serem realizadas ou continuadas. Por isso os objetivos delas, bem como os métodos adotados para executá-las (os procedimentos) devem ser definidos e, se possível, escritos.

3. *Treinamento e educação.* A formação das pessoas que participam das atividades, com base nas propostas do capítulo 4, cria uma estrutura sólida para as mudanças necessárias. O treinamento está voltado tanto para o conhecimento espírita quanto para a preparação à execução das diversas atividades.
4. *Atividades de promoção do processo de (re)estruturação,* através da divulgação e discussão dos seus objetivos, palestras, seminários, comunicações periódicas, campanhas, vídeos, etc.
5. *Acompanhamento e avaliação.* Um grupo que reúne pessoas envolvidas nas diversas atividades, com a participação da direção (pode ser chamado de grupo de estruturação) avalia e discute continuamente o processo, visando aperfeiçoá-lo.

AS PESSOAS

As atividades do centro espírita não necessitam viver amarradas a uma coordenação centralizada e fiscalizadora. O seu desenvolvimento exige um ambiente de liberdade e criação. Por outro lado, há de se criar meios de não se perder a unidade existencial. Evitar o engrandecimento excessivo é um pressuposto básico.

A preparação de recursos humanos e materiais para o aprimoramento das atividades constitui-se no elemento chave do processo de revisão estrutural.

No centro espírita as pessoas passam a compreender cada vez mais o significado da sua existência. Lá se encontram como protagonistas de uma grande jornada, trocam informações, idéias, olhares, abraços, atenção, amor. Conversam, aprendem, discutem, criam, crescem. Sabem que seu caminho não é o mesmo, mas há ali um comprometimento mútuo. A evolução é uma tarefa individual e coletiva. Essas pessoas estão comprometidas com ela. O Espiritismo e o centro espírita também.

É Espírita o centro que:

- tem por base a obra de Kardec;
- utiliza o método de Kardec no trato da mediunidade;
- não utiliza conceitos e métodos que confrontam com as propostas de Kardec.

BIBLIOGRAFIA

- AKSAKOF, Alexandre. *Animismo e Espiritismo*. Trad. C. S. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1978. 2 v.
- Autores diversos. *Encontro com a cultura espírita*. Matão, SP, O Clarim, set 1981. v. 1.
- Autores diversos. *Espiritismo e sociedade*. São Paulo, ENSASDE, 1986.
- AMORIM, Deolindo. *O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas*. 4ª ed. Curitiba, Livraria Ghignone Editora, 1984.
- ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte, renascimento, evolução: uma biologia transcendental*. 3ª ed. São Paulo, Pensamento, 1985.
- BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou Espiritismo? Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?* Trad. Guillon Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1982.
- CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. Mudanças estruturais dos centros e grupos espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *O que é Espiritismo: 2ª visão*. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, v. 146).
- DIAS, Krishnamurti de Carvalho. *O laço e o culto: é o Espiritismo uma religião?* Santos, SP, DICESP, jun 1985.

- FÁVARO, Éder; DEL CHIARO Filho, Amilcar; PALAZZI, Roberto. A estrutura dos centros espíritas de KARDEC aos nossos dias. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao centro espírita*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1980.
- GALGANO, Alberto. *Calidad total*. Diaz de Santos.
- GARCIA, Wilson. *O centro espírita*. 2ª ed. São Paulo, USE Editora, set 1990.
- KARDEC, Allan. *A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. Vítor Tollendal Pacheco. 13ª ed. São Paulo, LAKE, 1981.
- . *Iniciação espírita*. Trad. Joaquim da Silva Sampaio Lobo, rev. anot. J. Herculano Pires. 10ª ed. São Paulo, EDICEL, 1986.
- . *Obras Póstumas*. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva, intr. e anot. J. Herculano Pires. 2ª ed. São Paulo, LAKE, 1979.
- . *O evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 12ª ed. Araras-SP, Instituto de Difusão Espírita, nov 1980.
- . *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 62ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1985.
- . *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 48ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.
- . *Revista espírita*. Trad. Júlio de Abreu Filho. São Paulo, EDICEL, 12 v. (Sem ano de publicação).

- . *Viagem espírita em 1862*. Trad. e pref. Wallace Leal V. Rodrigues. Matão, SP, O Clarim, 1968.
- LAUFER Jr., Airton; FRANÇA, Cosme Valtenis de. *O poder no movimento espírita do Brasil*. Monografia de licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais. Curitiba, PUC, 1990.
- LUCIA, Reinaldo di. Passes: discussão e propostas. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, Licespe, 1993.
- MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo*: de Castro Alves a Machado de Assis. Rio de Janeiro, Antares, 1983.
- MAIN, Jeremy. *Guerras pela qualidade*: os sucessos e fracassos da revolução da qualidade. Trad. Outras Palavras Consultoria Linguística. Rio de Janeiro, Campus, 1994.
- MANUAL do divulgador do livro espírita. Araras, SP, Divulgador do livro espírita.
- MARTINS, Celso. *A obsessão e seu tratamento espírita*. 2ª ed. São Paulo, EDICEL, 1983.
- MESSIAS, Carlos Roberto de. *Contribuições sobre o movimento espírita brasileiro*. Apresentado no CPDoc - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, Santos, SP, 26 fev 1989.
- O PODER e o movimento espírita. 2ª ed. Santos, DICESP, fev 1982.
- PAIVA, Aylton Guido Coimbra. *Espiritismo e política*. Santos, DICESP, set 1982.

- PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.
- PERES, Ney Prieto. *Manual prático do espírita*. 4ª ed. São Paulo, Pensamento, 1988.
- PIRES, J. Herculano. *Mediunidade: vida e comunicação*: conceituação de mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais. 7ª ed. São Paulo, EDICEL, 1987.
- . *Obsessão. O passe. A doutrinação*. 3ª ed. São Paulo, SP, Paidéia, 1985.
- . *O centro espírita*. São Paulo, Paidéia, jan 1980.
- . *Parapsicologia hoje e amanhã*. 5ª ed. São Paulo, EDICEL, 1977.
- PIRONDI, Ciro. Influência do Espiritismo na evolução do homem contemporâneo. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.
- PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo dialéctico*. Buenos Aires, Editorial Vitor Hugo, 1960. p. 57.
- RÉGIS, Jaci. O centro espírita no século XX. Em: CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL DA USE, 7. Águas de São Pedro, SP, 22-24 ago 1986. *Anais*. s.n.t.
- SHIBA, Shoji; GRAHAM, Alan; WALDEN, David. *A new american TQM: four practical revolutions in management*. Prod, 1993.
- SPINOLA, Mauro de Mesquita. Leitura contextualizada do conhecimento espírita. Em: ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ASPECTO SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA, 3. Salvador, BA, mar 1989. *Anais*. s.n.t.

—. Centro espírita: uma revisão estrutural. Em: SBPE - SIMPÓSIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA, 3. Santos, SP, 3-6 set 1993. *Anais*. Santos, SP, Licespe, 1993.

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Relatório da comissão nomeada pelo CDE da USE, em 13 de setembro de 1987, para apurar denúncias feitas contra a UME de Santos*. São Paulo, USE, 22 mai 1988.

VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1971.

XAVIER, Francisco Cândido. *Coragem*. 2ª ed. Uberaba, CEC, 1973. p. 17-18.

—; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Ditado pelo espírito André Luiz. 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1979.

—. *Nos domínios da mediunidade*. Ditado pelo espírito André Luiz. 12ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

—. *O consolador*. Ditado pelo espírito Emmanuel. 7ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1977.

SOBRE O AUTOR

Mauro de Mesquita Spinola é engenheiro eletrônico. Trabalha como professor universitário — Escola Politécnica da USP, Universidade São Judas Tadeu e Universidade Paulista — e consultor técnico nas áreas de Sistemas de Informação e Qualidade de Software.

Nascido em São Paulo em 1956, participa de centro espírita e do movimento espírita desde muito jovem. Atua no Centro de Estudos Espíritas *José Herculano Pires*, de São Paulo e no Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc), de Santos. Integra também a equipe do programa radiofônico *Momento Espírita*, da Rádio Boa Nova de Guarulhos.

Suas principais áreas de estudo e interesse são o centro espírita, a mediunidade, o animismo e as contribuições do Espiritismo à organização social.